

**Prática de Ensino Supervisionada
em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico**

**Os instrumentos musicais na sala de aula como processo/ferramenta de
aprendizagem: estudo de caso**

João Francisco Vieira Gouveia

*Relatório Final de Estágio Profissional apresentado à Escola Superior de Educação de
Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no
Ensino Básico*

Orientadora

Maria Isabel Ribeiro de Castro

Bragança,
julho de 2020

Dedicatória

Dedico este relatório final de estágio aos meus pais, pelo acompanhamento, apoio incondicional e força, ao longo desta caminhada. O meu muito obrigado.

Agradecimentos

Finalizo, deste modo, mais um ciclo da minha vida e um percurso acadêmico repleto de histórias, aventuras e estudo.

Um especial agradecimento a todos os professores que se cruzaram comigo neste longo percurso, nomeadamente: o Professor Doutor João Cunha, o Professor Doutor Mário Cardoso, a Professora Doutora Rosa Novo, e por fim, a minha orientadora, Professora Isabel de Castro, por todo o apoio e paciência no decorrer desta etapa.

Aos meus pais, por todo o apoio prestado na realização deste “sonho”, uma vez que, sem eles e toda a sua força, este feito não seria possível.

Aos meus irmãos, pela amizade e apoio.

Aos meus alunos de 5.º e 6.º ano de escolaridade.

Ao Professor Alcino Barros, por todas as conversas e apoio dispensado.

A todos os meus amigos e colegas, com quem tive a oportunidade de me cruzar, nesta bonita cidade de Bragança.

Resumo

O presente trabalho representa o término da Prática de Ensino Supervisionada (PES), do curso de Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Bragança. Como tal, o principal objetivo deste relatório passa pela apresentação do trabalho desenvolvido em contexto de estágio profissional, na disciplina de Educação Musical, no 5.º e 6.º anos de escolaridade do 2.º Ciclo do Ensino Básico. Através deste documento, pretendo focar as experiências de ensino-aprendizagem realizadas e substanciadas através da literatura e das abordagens pedagógico-musicais dos autores: Edwin Gordon, Carl Orff e Keith Swanwick. A par da fundamentação teórica, foi realizada uma investigação-ação, relativamente às experiências de ensino-aprendizagem desenvolvidas no referido contexto de Educação Musical. A investigação realizada teve, como base, a criação musical, a criatividade, a vivência da música e a utilização de instrumentos musicais, pouco usados em sede de sala de aula, nomeadamente: guitarra, bateria, piano e baixo. O objetivo é conhecer o impacto da sua utilização na aprendizagem dos alunos. No decorrer do relatório, são apresentados os resultados alcançados, resultados esses que espelham a motivação e envolvimento dos alunos na disciplina, permitindo delinear opções pedagógicas a adotar, numa prática futura.

Palavras-Chave: educação musical, instrumentos musicais, criatividade, vivência musical, motivação.

Abstract

The present work represents the end of the Supervised Teaching Practice (PES), of the master's course in Teaching Music Education in Basic Education, from the Escola Superior de Educação, from the Polytechnic Institute of Bragança. As such, the main objective of this report is to present the work developed in the context of a professional internship, in the Music Education discipline, in the 5th and 6th years of schooling in the 2nd Cycle of Basic Education. Through this document, I intend to focus on the teaching-learning experiences carried out and substantiated through the literature and pedagogical-musical approaches of the authors: Edwin Gordon, Carl Orff, and Keith Swanwick. Along with the theoretical foundation, an action-research was carried out in relation to the teaching-learning experiences developed in the context of Music Education. The research carried out was based on musical creation, creativity, the experience of music and the use of musical instruments, little used in the classroom, namely: guitar, drums, piano and bass. The goal is to know the impact of its use on student learning. Throughout the report, the results achieved are presented, results that reflect the motivation and involvement of students in the discipline, allowing to outline pedagogical options to be adopted in a future practice.

Keywords: musical education; musical instruments; creativity; musical experience; motivation.

Siglas e acrónimos

OS – *Orff Schulwerk*

EB – Ensino Básico

EM – Educação Musical

PES – Prática de Ensino Supervisionada

NEE – Necessidade Educativas Especiais

Índice Geral

Introdução	1
1. Ser professor.....	3
1.1. Como é que me vejo enquanto professor?.....	4
1.2. Ser professor.....	7
1.3. Ser professor de Educação Musical.....	14
2. Caraterização do Contexto Educativo	19
2.1. Caraterização da Escola	20
2.2. Caraterização da Sala de Aulas (5.º e 6.º anos).....	21
2.3. Caraterização da turma de 5.º ano	22
2.4. Caraterização da turma de 6.º ano	24
2.5. Documentos reguladores do processo de ensino-aprendizagem	26
3. Desenvolvimento e avaliação da aprendizagem profissional.....	27
3.1. Questionário inicial.....	28
3.2. Objetivos.....	36
3.3. Estratégias.....	37
3.4. Motivação, Improvisação e Criatividade	37
3.5. Pedagogos e Pedagogias com influência na PES.....	41
3.5.1. Edwin Gordon	41
3.5.2. Carl Orff.....	43
3.5.3. Keith Swanwick.....	44
3.6. Abordagem Metodológica de Investigação	47
3.7. Atividades implementadas na PES	51
3.7.1. 5.º ano de escolaridade	51
3.7.2. 6.º ano de escolaridade	60
4. Reflexão sobre as competências profissionais	65
Referências Bibliográficas	69
Anexos	73

Índice de Tabelas

Tabela 1: Tabela com os instrumentos musicais disponíveis na sala de aula.....	21
Tabela 2: Tabela de registo da quantidade de alunos na turma distribuídos por géneros	22
Tabela 3: Tabela de registo dos alunos distribuídos por género e idade	22
Tabela 4: Tabela de registo da quantidade de alunos a usufruir da ASE	23
Tabela 5: Tabela de registo da quantidade de alunos na turma distribuídos por géneros	24
Tabela 6: Tabela de registos dos alunos distribuídos por género e idade	24

Índice de Figuras

Figura 1: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 1ª questão	28
Figura 2: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 2ª questão	29
Figura 3: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 2ª questão	29
Figura 4: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 3ª questão	30
Figura 5: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 4ª questão	30
Figura 6: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 5ª questão	31
Figura 7: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 6.º ano – 1ª questão	32
Figura 8: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 6.º ano – 2ª questão	32
Figura 9: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 6.º ano – 2ª questão	33
Figura 10: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 6.º ano – 3ª questão	33
Figura 11: Espiral de Ciclos da Investigação-Ação (Coutinho et al., 2009, p. 366).....	49
Figura 12: Ciclo de Investigação-Ação, segundo Whitehead. (Coutinho et al., 2009, p. 371) ..	50
Figura 13: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 1ª questão	56
Figura 14: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 2ª questão	56
Figura 15: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 3ª questão	57
Figura 16: Foto ilustrativa das aulas do 5.º ano de escolaridade, via plataforma TEAMS	59
Figura 17: Foto ilustrativa das aulas do 6.º ano de escolaridade, via plataforma TEAMS	62

Índice de Anexos

Anexo 1 – Questionários iniciais.....	74
Anexo 2 – Planificação da aula de 19/11/2019 – 5.º ano.....	76
Anexo 3 – Planificação da aula de 10/12/2019 – 5.º ano.....	78
Anexo 4 – Peça para assimilar as figuras rítmicas.....	80
Anexo 5 – Planificação da aula de 03/12/2019 – 5.º ano.....	81
Anexo 6 – Planificação da aula de 10/12/2019 – 5.º ano.....	83
Anexo 7 – Peça musical “As Férias” – 5.º ano.....	85
Anexo 8 – Aula do dia 21/01/2020 – 5.º ano	87
Anexo 9 – Aula do dia 28/01/2020 – 5.º ano	89
Anexo 10 – Inquérito da peça musical “As Férias”.....	91
Anexo 11 – Aula do dia 10/03/2020 – 5.º ano.....	92
Anexo 12 - Aula do dia 06/12/2019 – 6.º ano	94
Anexo 13 – Atividade da Monorritmia e Polirritmia.....	96
Anexo 14 – Aula do dia 06/03/2020.....	97
Anexo 15 – Aula do dia 29/05/2020.....	99
Anexo 16 – Aula do dia 12/06/2020.....	101

Introdução

O presente relatório final tem como principal objetivo concluir o ciclo de estudos de Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, na Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Bragança.

Este trabalho pretende descrever, analisar e refletir sobre a Prática de Ensino Supervisionada, realizada no ano letivo de 2019/2020, na disciplina de Educação Musical, com as turmas de 5.º e 6.º anos de escolaridade, do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

O primeiro capítulo deste relatório, é designado “Ser professor de Educação Musical”. Optei por organizar este capítulo em dois subcapítulos, nomeadamente: “ser professor” e “ser professor de Educação Musical”. Assim, o presente capítulo aborda questões, inerentes a todos os docentes e sobretudo sobre a Música, o professor de Educação Musical e a sua importância no desenvolvimento do aluno.

O segundo capítulo, designado “Caraterização do Contexto Educativo”, tem como objetivo demonstrar as condições e o ambiente da escola onde foi lecionada a PES, conhecer um pouco as turmas com as quais trabalhei este ano letivo, e por fim, apresentar os documentos reguladores do processo de ensino-aprendizagem, utilizados para planear e desenvolver a prática profissional.

O terceiro capítulo, designado “Desenvolvimento e avaliação da aprendizagem profissional”, é o capítulo central deste relatório, pois apresenta as abordagens pedagógicas utilizadas, o tema do relatório final de estágio, como também todo o trabalho realizado com os alunos. Ainda neste capítulo, é salientada a importância da fase de observação, no que diz respeito à concretização da PES, uma vez que permitiu recolher diversos elementos relativamente aos alunos, nomeadamente através dos inquéritos aplicados.

A aplicação destes questionários permitiu delinear ideias, objetivos e estratégias para chegar aos alunos. Achei, então, por bem, neste capítulo, abordar a “motivação, improvisação e criatividade”, de modo a selecionar a melhor forma de chegar ao aluno, uma vez que foi através destas que surgiu o tema central do relatório: a utilização dos instrumentos musicais, como forma de motivação em Educação Musical.

Selecionados todos os pontos, são apresentados alguns dos pedagogos e respetivas abordagens pedagógico-musicais que estiveram na base da PES, bem como a metodologia investigativa utilizada. No final do capítulo, são descritas as atividades realizadas com as

turmas de 5.º e 6.º anos de escolaridade, com a apresentação, análise e discussão de resultados.

Por fim, o último capítulo “Reflexão sobre as competências profissionais”, estabelece uma ligação entre o trabalho realizado na PES e, a minha formação enquanto estudante de Educação Musical e uma reflexão relativamente aos resultados obtidos, como também as competências adquiridas ao longo da PES.

1. Ser professor

No decorrer do presente capítulo, são abordados três tópicos. O primeiro (1.1.), expõe a forma de “Como é que me vejo enquanto professor”. Esta secção tem, como objetivo, apresentar uma visão pessoal acerca das minhas ambições para o exercício desta profissão. Assim, pretendo expor algumas das minhas experiências enquanto estudante e a forma como as mesmas me influenciaram ao longo da vida, até ao desejo de seguir esta carreira.

O segundo tópico (1.2.), incide sobre a temática “Ser professor”. Apesar de o capítulo se intitular “Ser professor de Educação Musical”, julgo ser necessário realizar duas abordagens distintas: 1) exposição da profissão docente, de uma forma geral; 2) professor de Educação Musical, de forma específica.

No primeiro ponto, (1.2.), desenvolvo algumas considerações sobre a profissão de professor, as suas competências, a forma com que é observado/considerado pela sociedade, algumas das características do professor, a reflexão que o professor executa relativamente às suas tarefas e a formação inicial e contínua de professores.

Por fim, como já referido, o tópico (1.3.), recai sobre a temática “Ser professor de Educação Musical”. Neste ponto, é abordada a Música, o seu significado, a forma com que a Educação Musical é enquadrada na atualidade, o valor que lhe é conferido e a sua importância na aprendizagem do aluno, bem como alguma da investigação realizada atualmente nesta área.

1.1. Como é que me vejo enquanto professor?

Um dos objetivos pessoais que me levaram à escolha desta profissão foi a possibilidade de poder transmitir às crianças e jovens aquilo de que mais gosto, ou seja, a Música. Enquanto futuro professor, pretendo legar a “paixão” que sinto pela Música aos meus alunos e, eventualmente, despertar neles esse gosto, criando condições para que possam enveredar nos estudos da Música de uma forma mais continuada, para além das aulas de Educação Musical. Segundo Pintassilgo (2011), a intitulada paixão com que o docente executa a sua profissão surge dos vários momentos de reflexão, defendendo a existência da vocação para ensinar. É ela que permite a colocação das dimensões do foro afetivo nas atividades pedagógicas, relacionando-se, de certa forma, com o “eu” do docente. Para além da vocação, existem ainda outros elementos que permitem definir a profissão docente, referindo sobretudo, a paixão como elemento fundamental para o ensino (Pintassilgo, 2011). De igual modo, Alves & Sommerhalder (2010), afirmam que o caminho que o aluno percorre está inteiramente relacionado com o professor, daí a importância de o docente executar a sua profissão com profissionalismo e paixão. É da competência do docente, direcionar o aluno no alcance de determinadas respostas (Alves & Sommerhalder, 2010).

Outro dos propósitos passa por tentar transformar o pensamento de alguns estudantes em relação à disciplina de Educação Musical, uma vez que, de acordo com a minha experiência, há necessidade de que a apreciem ainda mais. Deste modo e encarando a docência como futuro profissional, pretendo seguir algum dos modelos que tive a oportunidade de ter ao longo da minha educação. Reporto-me a um dos exemplos que muito me influenciou e que se tratou de um professor que me iniciou na Música, através da disciplina de Educação Musical e que me levou a enveredar pelos estudos da Música no Conservatório e, mais tarde, no Ensino Superior. Considerando o modelo, vejo-me a permitir alguma liberdade aos alunos, de modo a experienciarem os diferentes instrumentos musicais, dar a “voz” às crianças, no que se refere, por exemplo, à escolha do repertório a utilizar e o tipo de atividades a concretizar, possibilitando (de maneira restrita), a hipótese de o aluno ter algumas responsabilidades na tomada de certas decisões. Creio que, desta forma, vou ao encontro dos seus gostos, uma vez que entendo ser um processo pedagógico importante para os cativar, no que concerne à aprendizagem da Educação Musical.

Outro dos objetivos enquanto professor, é poder tornar visível o trabalho dos alunos, quer seja em apresentações públicas ou em outro tipo de cenário e contexto. Parece-me que (e isto reporta-se à minha experiência de estudante) que a componente que mais motivava, era o facto de poder apresentar o trabalho realizado ao longo do ano, bem como o convívio existente entre os alunos e até mesmo com o próprio professor. Considero as apresentações musicais necessárias, dado que valorizam o trabalho que os alunos fazem, como também possibilita o crescimento em diversos aspetos, como por exemplo a disciplina de grupo e o saber-estar em público. Estas oportunidades acabam por oferecer alguma experiência para encararem determinadas situações nas suas vidas pessoais e no futuro profissional.

Enquanto professor, revejo-me num profissional que tem a hipótese de transmitir ao seu aluno o que é a Música, sendo que, para isso, é necessário envolvê-lo, dar oportunidade a que todos expressem os seus gostos musicais e, de certa maneira, demonstrar que a Educação Musical pode apresentar-se enquanto uma disciplina que possibilita desenvolver as mais diversas atividades e abrir novos caminhos e possibilidades, através de diferentes experiências musicais.

Ao fim ao cabo, pretendo legar aos jovens com quem venha a trabalhar o que o meu professor de Educação Musical me transmitiu, ou seja, mudar o rumo dos que já nutrem carinho especial pela Música, como também levar a que os restantes alunos possam, pelo menos, ter essa experiência.

A nível pessoal, o facto de ter trabalhado componentes que me motivavam, influenciaram a visão que tinha em relação à escola e às suas aprendizagens, possibilitando o meu “crescimento” enquanto ser humano, incentivando-me a lutar para alcançar os meus objetivos. A nível social, o facto de efetuar as referidas apresentações ensinou-me o rigor e a exigência que tem pautado a minha vida pessoal. Ainda a nível social, o convívio existente nas aulas, nas apresentações, com os colegas e inclusive com o próprio professor, permitiram ainda colmatar a minha timidez e expressar emoções. Da mesma forma que o contacto com a Música auxiliou na minha vida, neste e em outros campos, também espero poder contribuir para que outros possam assim suprir dificuldades e alterar comportamentos.

Em suma, a Educação Musical lecionada da forma referida, possibilitou o meu “crescimento” enquanto ser humano, desenvolvendo valores e modos de agir em

sociedade, sendo essa uma das pretensões da educação e da escola. O facto de ser uma disciplina que promove o contacto dos alunos com diferentes experiências musicais e situações, nomeadamente o manuseamento de instrumentos musicais, atividades em grupo, jogos, entre outras, considero que é única, devendo, do meu ponto de vista ser bem aproveitada/utilizada para esse fim.

O desenvolvimento global/holístico (cognitivo, físico, emocional, social/cultural), constituem as bases pedagógicas de muitas abordagens musicais, nomeadamente a abordagem *Orff-Schulwerk*. O simples facto de o aluno executar trabalho prático, vivenciá-lo das mais diversas formas, possibilita o desenvolvimento de aspetos cognitivos e afetivos. É do conhecimento geral que a Música e a Dança representam áreas da arte com aspetos relevantes do foro físico e emocional. A utilização da abordagem OS¹, onde existem muitas formas de explorar a Música, dança e canto, pode ser importante para a criação de um ambiente afetivo que muito pode influenciar o processo ensino-aprendizagem e os diferentes níveis sociais da criança. A possibilidade de trabalhar em grupo, com diferentes culturas, com diversas formas de comunicação, traduz-se nesse ambiente afetivo, existindo uma colaboração, partilha e aprendizagem (Cunha, 2016).

A voz, também utilizada na Educação Musical, é o primeiro instrumento do qual o ser humano usufrui. Ao utilizá-la para o canto, este possibilita o desenvolvimento da linguagem falada, uma vez que o mesmo é aplicado na vertente rítmica, como também expressiva, onde é trabalhada a articulação das palavras através da sua expressão. Segundo Cunha (2016):

“O corpo humano é o primeiro e principal instrumento musical. A voz surge como instrumento primordial de expressão, tanto ao nível da história geral da humanidade, como no crescimento pessoal de cada indivíduo. O canto, por seu lado, é uma forma de desenvolvimento natural da própria linguagem falada, que, por si só, constitui um eixo fundamental da educação estética.” (Cunha, 2016, p. 115).

De uma forma geral, todo este percurso pode ser interpretado através de duas palavras: “fazer Música”. Estes dois termos constituem uma das bases do meu trabalho, que reporta ao relatório final de estágio, sendo que, no decorrer do mesmo (nos capítulos que se seguem), vou abordar estratégias e objetivos delineados para o estágio profissional, de acordo com o “fazer Música”, com a finalidade de contribuir para a formação de

¹ Sigla que designará *Orff-Schulwerk*

melhores cidadãos para este novo mundo, valorizando e transmitindo que as aprendizagens escolares são positivas e benéficas.

1.2. Ser professor

Julgo ser importante na fase inicial deste capítulo, enumerar alguns aspetos que um professor deve ter em conta na escolha da sua profissão. Na minha conceção, quando se opta pela mesma, é necessário apresentar alguns requisitos, para que se venha a ter sucesso: 1) em primeiro lugar, considero que é importante haver interesse na carreira, ter, de certa forma, gosto ou até mesmo “prazer” em lecionar e transmitir os conhecimentos aos alunos; 2) em segundo lugar, é necessário nutrir o gosto pelas aulas e pela transmissão de conhecimentos; caso contrário, tal não será benéfico nem para os alunos, nem para o professor. Creio, pois, que estas situações podem conduzir a que o aluno acabe por não gostar do que está a aprender, não pelo conteúdo em si, mas sim pela forma como o mesmo está a ser lecionado. Portanto, neste ponto, considero importante que o professor coloque todo o seu entusiasmo na maneira com que leciona os conteúdos. Nesta relação professor/alunos, o respeito mútuo deverá sempre estar na base. Esta consideração deve partir de ambos os lados, porque só assim existirá uma melhor relação entre o professor e o aluno, que vai fazer com que este tenha maior interesse nos conteúdos. O professor deverá dominar os conteúdos, de modo a transmitir, uma maior segurança quando os trabalha em contexto de sala de aula.

Contudo, poderá haver algum conceito que o professor não domine completamente, ou mesmo tenha dúvidas. Deste modo, o próprio professor, na circunstância de responder a algo que eventualmente não conhece tão claramente, deve optar por procurar esse conhecimento, de forma a mitigar as dificuldades, para posteriormente transmitir ao aluno. Outra das formas de chamar a atenção ao aluno para a matéria que está a ser lecionada, poderá ser o tom de voz. Se o professor começa a abordar os conteúdos de uma forma entusiasmante, essa conduta também irá influenciar os alunos e pode mesmo conduzir à formulação de perguntas em relação aos conteúdos. Por outro lado, se um professor aborda a aula de uma forma “cansada”, desanimada, este estado pode, da mesma maneira, ter repercussão nos alunos, podendo mesmo causar o processo inverso do que é pretendido, ou seja, os estudantes podem ficar desanimados com os conteúdos a serem lecionados e perderem o interesse em relação aos mesmos.

Ao escolher esta profissão, também é importante saber separar a vida pessoal da vida profissional. É necessário que o professor deixe os seus problemas pessoais à “porta” da escola, uma vez que estes não vão enriquecer a aprendizagem do aluno. Entendo, ainda, que o professor não tem o seu leque de atuação apenas dentro da sala de aula, mas também fora desta. Segundo Troppmair (2010), alguns alunos consideram os seus professores como referência, ou seja, estão sempre atentos às suas maneiras de agir e reagir. Por vezes, o docente deve intervir, se necessário, fora da sala de aula se assim se justificar, uma vez que o seu papel não é só transmitir o conhecimento ao aluno, mas também a sua formação enquanto cidadão. Neste aspeto e uma vez que o papel do professor não é apenas o da transmissão de conhecimentos, também deverá observar o comportamento dos seus alunos, de forma a possuir elementos que permitam entender muitas das suas atitudes. No decorrer de algumas situações, o aluno pode estar mais agitado na sala de aula, mas isso pode resultar de um pequeno problema que o mesmo esteja a ter fora do contexto escolar, ou até mesmo em contexto escolar com os seus colegas. Pode ser fulcral, portanto, a intervenção do professor, no que diz respeito ao saber ouvir o aluno, sendo que, por vezes, uma pequena palavra poderá alterar a atitude do mesmo (Troppmair, 2010).

Segundo Perrenoud (2001), para além dos conhecimentos, os professores são também portadores de outras competências, que não se restringem ao domínio dos conteúdos e a ensiná-los. Nos dias de hoje, devido às transformações ocorridas nos sistemas educativos e das condições de trabalho dos professores, existem diversas competências às quais um profissional de ensino deve ter em conta (Perrenoud, 2001). O professor profissional “é, antes de tudo, um profissional da articulação do processo ensino-aprendizagem em uma determinada situação, um profissional da interação das significações partilhadas.”(Altet & Perrenoud, 2001, p. 26).

No que diz respeito às competências exercidas pelo docente, Perrenoud (2001), defende que estas se enquadram em 10, nomeadamente:

- “1. organizar e estimular situações de aprendizagem.
2. gerar a progressão das aprendizagens.
3. conceber e fazer com que os dispositivos de diferenciação evoluam.
4. envolver os alunos em suas aprendizagens e no trabalho.
5. trabalhar em equipa.

6. participar da gestão da escola.
7. informar e envolver os pais.
8. utilizar as novas tecnologias.
9. enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão.
10. gerar sua própria formação contínua.”(Perrenoud, 2001, pp. 1–2).

Ao fim ao cabo, para este autor, todas estas competências, resultam num bom desempenho profissional. Todas as profissões necessitam de possuir determinadas competências para a realização das mesmas (de forma competente) e a de docente não é exceção à regra.

Ainda no que concerne ao papel do professor, um dos aspetos que deve ser tido em conta, é o processo de reflexão. Segundo Alarcão (1996), esta ferramenta é importante e os alunos devem também poder participar nela de forma ativa e presente. Nesta forma de interação, os professores têm um papel importante na produção e estruturação do conhecimento pedagógico. Assim sendo, o papel do professor apresenta-se enquanto mediador da aplicação de teorias e normas, mas principalmente de uma ação ativa. Na reflexão, existe ainda uma distinção entre a reflexão na ação e sobre a ação. Quando abordamos a reflexão na ação, tal como o próprio nome indica, o docente reflete no decorrer da ação sem haver interrupções, embora exista uma pequena distância da ação onde o professor acaba por refletir com a própria ação. Quando o professor reflete sobre a ação, estará a refletir sobre a mesma, numa fase posterior a esta, de modo a analisá-la. De referir que, nestes dois tipos de ponderação, existe uma reestruturação da ação educativa. Esta reflexão, no caso do professor, vai incidir sobre o tipo de pessoa que é, como também as razões pela qual realiza determinado tipo de coisas. Esta fase acaba por ser: “uma dimensão formativa e uma dimensão pragmática. Quer isto dizer que aprofunda o nosso saber no que ele encerra de conhecimento e de capacidades e que, além disso, se traduz no nosso modo de agir” (Alarcão, 1996, p. 177).

Estes procedimentos de reflexão vão fazer com que o docente se questione, nomeadamente, ao nível do seu saber e da sua experiência, de modo a inteirar-se das suas capacidades. As questões fazem parte deste processo de reflexão, de modo a que o professor fique a compreender-se (Alarcão, 1996).

Em contexto de Prática de Ensino Supervisionada, este conceito de reflexão foi

aplicado. Ambos os conceitos referidos (reflexão na ação e sobre a ação) foram utilizados, tanto no decorrer das aulas (reflexão na ação), como na reflexão pós-aula (reflexão sobre a ação). As mesmas possibilitaram a melhoria de determinados aspetos e o pensamento de novas formas de executar uma tarefa ou de transmitir um determinado conhecimento. Assim sendo, a reflexão é importante, no que diz respeito à evolução do docente e de todo o processo pedagógico.

Atualmente, a formação de professores tem em conta a formação de profissionais que tenham a capacidade de suscitar situações de aprendizagem e para isso é necessário ter em consideração a complexidade do ser professor. Estas duas palavras - “ser professor”, implicam diversas realidades, como por exemplo, a forma como o docente deve estar em sala de aula, ou a responsabilidade que o professor tem em sala de aula devido ao facto de orientar uma turma. Estes dois termos, “ser professor”, dizem respeito a um ser humano capaz de tomar decisões, mas também de alguém capaz de utilizar o seu conhecimento, a sua experiência e utilizá-la em contextos pedagógicos (Ferreira, 2003).

Nos dias de hoje, “O docente é visto como mais um funcionário público, que cumpre ordens do poder central ou reivindica direitos através dos seus representantes, os sindicatos, que cada vez vão tendo menos poder.” (Rodrigues, 2013, p. 25).

Esta afirmação, julgo retratar o estado da docência em Portugal. Uma profissão à qual não é concedido o devido valor, sendo que deveria ser o oposto, uma vez que, através dos professores, é realizada a formação de todos os jovens, que são o futuro do país. De acordo com o autor, a docência deveria ser considerada uma das profissões mais importantes, mas apresenta-se num estado de “desgaste” a diferentes níveis (Rodrigues, 2013).

Segundo Flores (2016), “A profissão docente vive tempos complexos e desafiadores decorrentes não só de transformações sociais, culturais e políticas, mas também de aspetos relacionados com a cultura profissional dos professores.” (Flores, 2017, p. 334).

Este facto e a desvalorização da profissão acabam por, de certa maneira, desmotivar o próprio docente. Atualmente, na fase de evolução em que já nos encontramos, julgo ser necessário um ponto de viragem, que reconheça o que esta classe faz todos os dias - formar o futuro do país.

De modo a finalizar a abordagem ao “ser professor”, de uma forma geral, julgo ser importante referir um dos pontos que influenciam a forma como o docente dá a sua aula e a sua evolução ao longo dos tempos. Refiro-me à formação de professores.

Segundo Nóvoa (2017), o período entre 1987-1992 coincidiu com as alterações na formação docente, através da formação pela universidade, e do conceito de professor reflexivo e investigador. Nos últimos 50 anos, foi possível verificar um desenvolvimento na formação de professores, tendo em conta os inúmeros textos publicados. No início do século XXI, surgiram políticas de “desprofissionalização”, que suscitaram algum descontentamento, uma vez que havia um ataque à formação de professores. Esta política foi visível através dos baixos níveis salariais, difíceis condições nas escolas, assim como a introdução de nova burocracia. Face a estas políticas, surgiram diferentes grupos com distintos princípios. Por um lado, os que defendiam a atitude dos professores universitários (internos), recusando críticas vindas de fora, considerando que este era modelo ideal. Por outro lado, os reformadores, que eram constituídos por pessoas externas às universidades, que criticavam o sistema e defendiam a necessidade de uma mudança, e por fim, os transformadores, um grupo de pessoas (internas e externas às universidades), mas que reconheciam a necessidade de uma mudança na formação de professores.

Para Nóvoa (2017), o primeiro passo a cumprir na formação de professores é o reconhecimento de um problema que ultrapassa a falta de apoio e as condições de trabalho. Numa primeira fase, deve ser dado o mesmo valor à formação inicial e intercalar e, formação profissional e contínua. Na segunda fase, é feita uma comparação com os restantes cursos universitários, de modo a encontrar nestes uma fonte de inspiração. Por fim, o autor defende a definição específica da formação profissional docente. Estas três fases têm, como propósito, a reflexão na formação de professores e na criação de programas que realmente preparem o estudante para a profissão docente (Nóvoa, 2017).

Os novos tempos exigem que o professor adeque a sua formação inicial, tendo em conta as formas de aprendizagem, o facto de existir diversos alunos, com diferentes formas de lidar, a constante evolução tecnológica, e por fim, o desenvolvimento de competências dos alunos (Galvão et al., 2018). Segundo Formosinho et al., (2015), esta formação inicial de professores remonta ao início da sua carreira, em termos profissionais, ou seja, o momento em que o aluno se transforma no professor. Dado a situação, o autor refere que esta transição é repleta de sentimentos. A formação inicial tem lugar, então na instituição de ensino onde o aluno se forma para ser professor, ao consolidar os diversos conhecimentos a nível científico-pedagógico (Formosinho et al., 2015).

Segundo Mota & Figueiredo (2012), em Portugal, a formação de todos os profissionais de Música, começou por realizar-se em conservatórios e academias de Música, sendo a condecoração considerada de nível superior, conferida com o diploma final de composição, canto ou instrumento. Em 1983, com o Decreto-Lei n.º 310/83, esta formação sofreu alterações, nomeadamente:

“uma divisão entre ensino secundário de música, a ser ministrado nos conservatórios e academias, e Ensino Superior de música, a ser ministrado nas então criadas escolas superiores de música e escolas superiores de educação dos institutos politécnicos, bem como nas universidades, sendo estes os dois subsistemas que constituem o Ensino Superior em Portugal” (Mota & Figueiredo, 2012, p. 276).

O Ensino Básico em Portugal encontra-se organizado em três ciclos: 1.º, 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico, sendo, numa fase posterior o ensino secundário e superior. No 1.º Ciclo do Ensino Básico, a música está presente, mas apenas enquanto Atividade de Enriquecimento Curricular (AEC), de carácter não obrigatório. No 2.º Ciclo do Ensino Básico, encontramos a disciplina de Educação Musical de uma forma contínua e estruturada. Possui um programa definido nos dois anos do 2.º Ciclo do EB². Por fim, o 3.º Ciclo do EB não é consistente na maioria das escolas do país, dependendo mesmo da existência do professor de Educação Musical e da sua disponibilidade de horário (oferta de Escola).

Após a Declaração de Bolonha, resultam novas alterações nos graus académicos. O ensino superior começa a dividir-se em três ciclos: licenciatura, mestrado e doutoramento. O estudante para a docência realiza três anos de licenciatura numa determinada área e o mestrado profissionalizante durante dois. Assim sendo, atualmente, para alguém se tornar professor de EM³ necessita da licenciatura e do mestrado profissionalizante (Mota & Figueiredo, 2012).

Na atualidade, em que a evolução é constante, o professor deve acompanhar o seu aluno, de acordo com as alterações educacionais e outras que vão acontecendo. Como é óbvio, o que era praticado há 20 anos poderá ter tido muito sucesso nesse tempo, mas na contemporaneidade, com a evolução existente, poderá já não ter o mesmo impacto, sendo, por esta razão, fulcral a formação contínua de professores. Esta formação, de

² EB - Sigla que designará Ensino Básico.

³ EM - Sigla que designará Educação Musical.

acordo com o Decreto-Lei n.º 22/2014, incide sobre os seguintes princípios:

- a) A satisfação das prioridades formativas dos docentes dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas, tendo em vista a concretização dos seus projetos educativos e curriculares e a melhoria da sua qualidade e da eficácia;
- b) A melhoria da qualidade do ensino e dos resultados da aprendizagem escolar dos alunos;
- c) O desenvolvimento profissional dos docentes, na perspetiva do seu desempenho, do contínuo aperfeiçoamento e do seu contributo para a melhoria dos resultados escolares;
- d) A difusão de conhecimentos e capacidades orientadas para o reforço dos projetos educativos e curriculares como forma de consolidar a organização e autonomia dos agrupamentos de escolas ou das escolas não agrupadas;
- e) A partilha de conhecimentos e capacidades orientada para o desenvolvimento profissional dos docentes” (Decreto-Lei n.º 22/2014).

Este Decreto-Lei veio, então, procurar reforçar a melhoria da qualidade do ensino, como os resultados obtidos pelos alunos, o desenvolvimento profissional dos professores e a partilha de conhecimentos. Estes objetivos presentes no Decreto-Lei n.º 22/2014 incidem sobre a importância da aposta na formação contínua de professores. Esta formação tem apenas um grande objetivo, que passa por acompanhar a constante evolução e conseguir fazer chegar o conhecimento ao aluno.

As inovações tecnológicas em constante alteração devem imprimir uma atitude construtiva no docente. Atualmente, ninguém vive sem a tecnologia. Porém, em contexto escolar, dado que existem diferentes faixas etárias, muitos dos docentes não acompanharam estas inovações tecnológicas e, como todos sabemos, os jovens são quem mais utiliza estas ferramentas. Se um dos objetivos do professor é estar ligado aos alunos, a formação contínua deve ser uma aposta. Esta formação contínua não é apenas sobre as inovações tecnológicas. A própria forma como o professor leciona também se altera. Em contexto de estágio, os próprios docentes cooperantes passam por essa formação contínua, uma vez que estão a ter contato com as aulas de um professor estagiário, que está a par das inovações, tendo, muitas vezes, outra visão e formas/atividades de ministrar a aula, suscitando uma reflexão por parte do professor cooperante.

De um ponto de vista pessoal, no decorrer da minha PES⁴, foi possível, na fase da

⁴ PES – Sigla que designará Prática de Ensino Supervisionada.

observação, (apesar da pouca experiência), constatar diversas abordagens e atividades diferentes das que tinha em mente utilizar. Possivelmente, o professor cooperante sentiu-se de igual forma ao observar as aulas lecionadas por mim. A partilha que o professor cooperante realizou, no auxílio da planificação das aulas que lecionei, também foi importante para ambos.

Ou seja, este processo vai ao encontro da formação contínua de professores. Neste caso específico, existiu uma partilha de conhecimentos, com vista ao desenvolvimento profissional do docente, a uma difusão de conhecimento de ambos os professores, sendo que tudo isto possivelmente terá proporcionado uma melhoria da qualidade de ensino do professor estagiário, como também do professor cooperante.

Segundo António Nóvoa (1992): “A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada.”(Nóvoa, 1992, p. 13).

Para o autor, a formação leva a que o professor realize um investimento a nível pessoal, para que o mesmo possa fomentar uma nova identidade construída pelo próprio docente, sendo esta uma identidade profissional.

No que diz respeito à formação em si, esta não resulta apenas da participação em cursos ou outros tipos de formação, mas também de um processo reflexivo e crítico sobre as práticas do docente. Existem vários cursos que implicam a mais vasta teoria, mas é através da conciliação dessa teoria com a respetiva experiência/prática/reflexão, que surge uma nova identidade. Para tal, Nóvoa (1992) considera importante a criação de redes de formação participada, a troca de experiências entre os docentes, como também a interlocução entre os professores, que irá suscitar a aquisição de novos saberes. Por fim, o autor refere, ainda, a criação de redes coletivas de trabalho como um fator essencial para a afirmação da profissão docente (Nóvoa, 1992).

1.3. Ser professor de Educação Musical

Ao iniciar este subcapítulo, julgo ser importante começar a definir a palavra “Música”. Segundo o Ministério da Educação, no documento orientador “Aprendizagens Essenciais de EM”:

“A Música é uma Arte presente em todas as culturas e no quotidiano dos seres humanos. É uma

linguagem universal que assume uma das mais elevadas formas de criatividade. A música é uma prática social comunicativa e expressiva. A partir do ouvir e através da produção sonora em conjunto: do cantar, do tocar, do compor, do olhar, do escutar, as crianças e jovens dialogam e constroem significados, partilhando-os e transformando-os, enriquecendo assim as suas práticas e horizontes culturais. A música existe no conjunto, no fazer e partilhar com os outros, no dialogar, na pergunta-resposta, e em inúmeros pequenos rituais que fazem parte do nosso quotidiano coletivo. E é exatamente no desenvolvimento de experiências concretas em interação com os outros que as crianças e jovens podem desenvolver modos de ser e de pensar abertos ao mundo, e capazes de dar resposta aos desafios que se lhes colocam nos dias de hoje. No criar e fazer música, as crianças estabelecem interrelações com os outros e com o mundo que têm exatamente esse carácter de imprevisibilidade, complexidade e mudança. É assim que podemos olhar para a música como um veículo extraordinário no desenvolvimento de capacidades pessoais e sociais imprescindíveis às vidas das crianças. Desta forma, propõe-se que, à medida que progredem, os alunos aprofundem a sua apreciação, compreensão e desempenho musicais, permitindo criar, recriar e ouvir através do desenvolvimento de competências de experimentação, de improvisação, de composição, de escuta, de reflexão, de movimento, de interpretação (no sentido de performance), contribuindo para a sua formação como sujeitos criadores e fruidores de Música (Ministério da Educação, 2018, pp. 1–2).

Dissertar sobre este conceito é também referir os aspetos históricos e incidir sobre o desenvolvimento humano, a nível social, espiritual, físico, mental e emocional, sendo considerado um mecanismo de auxílio no processo de aprendizagem, como também no desenvolvimento geral da criança. Uma das maneiras de “chegar” ao aluno e obter determinados resultados relativamente ao que é ensinado é o facto de as aprendizagens serem o resultado das suas vivências, sendo este um dos trilhos para levar o aluno ao sucesso, no que diz respeito às aprendizagens. A arte acaba por ter um papel importante no processo ensino-aprendizagem. A educação através da arte é capaz de desenvolver, no aluno, sensibilidade, imaginação e perceção. Outro dos resultados que se pode observar, a partir da vivência com a música e outras disciplinas, é o desenvolvimento de diversos aspetos, nomeadamente o vocabulário musical, que vai exigir do aluno uma articulação correta das palavras, desenvolvendo, desse modo, a linguagem oral. De acordo com Lima & Mello (2013), é possível verificar que a música, ao longo dos tempos, sempre teve um papel fulcral na educação e no processo ensino-aprendizagem do aluno nos diversos níveis.

A relevância da Música, como dos seus benefícios, surge narrada desde os tempos da antiga Grécia. Afirma-se que a Música aparece na vida do indivíduo desde sempre e influencia a sua visão do ser humano, das sociedades e das culturas. Esta ascendência da Música, já retratada na Grécia Antiga, outorgava-lhe um poder afetivo, que é exercido sobre o ser humano. Segundo Koellreutter (1998), citado por Franco (2017), para além do impacto que a Música tem a nível emocional, sensorial e psicológico, esta incide sobre o ser humano de uma feição ainda mais profunda, uma vez que é capaz de o alterar na sua integridade. Assim sendo, é possível constatar que a Música é intrínseca ao indivíduo,

desde o seu aparecimento (Franco & Ament, 2017).

Relativamente ao papel do professor, o próprio deve passar pela capacidade de apresentar novos conteúdos, sempre que possível e inovar de forma constante. É necessário procurar novos caminhos, ainda que existam métodos e ferramentas outrora usadas que continuam a ter o seu valor e espaço. Estes princípios dizem respeito não só ao docente, como também às instituições de ensino. Esta disciplina, para além de transmissão de conhecimentos e influência na aprendizagem dos alunos, pode funcionar como um fator de integração de alunos oriundos de outros países, nomeadamente os imigrantes em busca de oportunidades. Nestas situações, a Música, como também a EM, pode e deve surgir como um fator de agregação entre pessoas/crianças de diferentes países. Estas áreas constituem assim um facilitador de inclusão, através das atividades que podem ser realizadas em conjunto. Por vezes, o mais importante pode não ser apenas o resultado musical, mas sobretudo o impacto no futuro “eu” do aluno, influenciando a maneira como esta criança/ser humano poderá entender o mundo (Westerlund, 2016).

Abordo, a este propósito, a aprendizagem cooperativa, uma vez que é o tipo de aprendizagem mais utilizado, não só nestes casos como em tantos outros. Nos dias de hoje, esta aprendizagem tem vindo a demonstrar a sua importância, como estratégia de ensino-aprendizagem, através dos resultados que a mesma suscita. Segundo Bessa & Fontaine (2002), a investigação, como também a sua utilização, surgiu a partir de 1970. No que diz respeito aos alunos, a mesma permite alcançar benefícios no domínio da realização escolar, como também ao nível cooperativo, nomeadamente as decisões tomadas entre estes, a aprendizagem dos conteúdos, um ambiente favorável ao aparecimento de aprendizagens e o desenvolvimento a nível psicológico, como por exemplo a autoestima do aluno (Bessa & Fontaine, 2002).

A própria aprendizagem cooperativa vem demonstrar a importância/impacto que a EM desperta nos discentes.

O ensino da Música:

“nas suas múltiplas componentes, viveu, nas últimas décadas do século XX, na interação e no confronto entre diferentes modos de concepção, construção, operacionalização e administração das políticas educativas e culturais e as subjectividades artísticas dos seus agentes. Interações e confrontos enformados entre contextos de referência globais e locais. Globais pela importação e comparação com modelos oriundos de outros países, locais pela recontextualização dessas referências” (Vasconcelos, 2001, p. 1).

Segundo Vasconcelos (2001), o ensino da música em Portugal resulta do conflito de diversos fatores e da forma como que o músico, o seu percurso e formação e até a própria Música são vistos em Portugal. Ou seja, apesar da área da Música ser de uma enorme complexidade, no que diz respeito ao seu ensino, o autor defende que existiu uma falta de adaptação do ensino, às diversas mudanças sociais e culturais (Vasconcelos, 2001).

Na minha opinião, a situação da EM não se encontra na sua melhor fase. Desde há muito que não é reconhecido o seu devido valor, o que, por si só, não confere nenhum sentido, devido à sua influência, de uma forma positiva, no “eu” do aluno, referido anteriormente. Nas escolas do país, e não só, é visível uma certa desvalorização da população, no que concerne a esta disciplina. A EM parece apenas ser observada como “preenchimento” do horário dos alunos. No entanto, esta situação tem vindo a alterar-se aos poucos, nomeadamente com a expansibilidade da instrução da Música, que acabou por desenvolver uma maior consciência social da sua importância, assim como a investigação que vem demonstrar os resultados que esta pode extrair do ser humano, neste caso específico do aluno, sendo esta uma mais valia para valorizar a EM, em Portugal.

Em Portugal, a investigação nesta área é realizada de uma forma escassa, relativamente a outras áreas existentes. Este fator pode levar a que haja um desconhecimento do valor que tem a Música, como também o seu ensino. Segundo Palheiros (1999), a investigação na área da EM teve o seu início no final dos anos 80, tendo sido, porém, nos anos 90 que surgiu um maior interesse pela investigação (Palheiros, 1999).

Segundo Cohen & Manion (1994), citados por Graça Palheiros (1999), a investigação surge como uma necessidade e os seus resultados demonstram a importância da sua realização. É através desta que é possível ficar a conhecer e a compreender determinados fatores do ser humano, como também a sua natureza. Para além destes fatores, desperta a vontade de entender a realidade e permite a resolução de problemas que, no caso dos professores, podem surgir nas suas práticas (aulas) e das reflexões das mesmas.

De acordo com Swanwick (1984), citado por Graça Palheiros (1999), a investigação levada a cabo pelo docente pode suscitar resultados positivos, tais como: a prática profissional que é influenciada pela investigação realizada, o surgimento de novos conhecimentos no seio da comunidade profissional e, por fim, uma melhoria de resposta, no que diz respeito aos desafios apresentados (Palheiros, 1999).

Foi com base nos autores mencionados, que tracei e defini o trajeto da minha PES. Durante todo o ano de estágio profissional, refleti sobre as minhas práticas pedagógicas: se a maneira como ensinava era a mais correta, se estava a ir ao encontro dos gostos, interesses e necessidades dos meus alunos, sendo que esta reflexão possibilitou ultrapassar determinados problemas encontrados ao longo da mesma, através da adoção de novas estratégias. No que diz respeito aos primeiros três pontos deste capítulo (competências do professor e a minha percepção enquanto tal), foram refletidas do início ao final do estágio, uma vez que encontrei, por diversas vezes, a necessidade de alterar determinados aspetos, para ir ao encontro do que concebi, como também para alcançar as referidas competências. A reflexão do professor, por vezes involuntariamente, foi utilizada no decorrer da PES, de modo a ultrapassar determinadas dificuldades. Na formação contínua, também ao longo do meu estágio, tentei acompanhar os meus alunos, nomeadamente através do uso de novas tecnologias, sendo este um fator crucial para chegar aos mesmos e procurar alcançar os seus gostos. Em relação à EM e ao valor que lhe é conferido pela sociedade, pretendo que este relatório possa servir de exemplo e contribuir para engrossar o valor que a Música e a EM merecem. No meu ponto de vista, estas componentes, tendo em conta o seu fim, têm a sua lógica, uma vez que o objetivo da escola e das aprendizagens é o desenvolvimento transversal do aluno.

Finalizo este capítulo sublinhando que, na fase inicial da minha PES, articulei as componentes referidas no mesmo com os diferentes documentos reguladores do processo de ensino-aprendizagem, de modo a definir as minhas abordagens às duas turmas em questão. Relatado como essencial, na fase de observação (útil para o meu conhecimento sobre os alunos), procedi à captação de diversos aspetos dos alunos, no que concerne às suas dificuldades, ao tipo de repertório que possuem como referência, a sua opinião em relação ao género de aulas, como também a própria utilização dos instrumentos musicais.

2. Caracterização do Contexto Educativo

Este capítulo pretende retratar o contexto em que foi abordada a PES. Encontra-se dividido em três secções. Na primeira (2.1.), é realizada uma caracterização da escola em questão e das salas de EM (2.2.), onde se realizou a PES. No terceiro segmento, (2.3.) e quarto (2.4.), são caracterizadas as turmas que participaram no estágio, referindo alguns aspetos dos alunos, nomeadamente o género, idade, interesse pela Música, entre outros parâmetros registados no decorrer do ano letivo.

Por fim, o ponto (2.5.), aborda os documentos reguladores do processo ensino-aprendizagem, que caracterizam a forma como a PES foi realizada.

O estágio profissional incidiu sobre duas turmas: uma turma de 5.ºano e outra turma de 6.ºano do EB. A estrutura da PES passou por 2 fases. A primeira foi de observação, tendo sido possível constatar alguns comportamentos dos alunos, preparando de certa maneira para a segunda fase, um tempo de responsabilização, em que, em conjunto com o par pedagógico, as aulas foram assumidas de forma alternada.

De referir que devido à confidencialidade das identidades, a caracterização das turmas e alunos está realizada de forma sigilosa.

2.1. Caraterização da Escola

A PES foi realizada numa instituição escolar que fica numa cidade a Norte de Portugal, no ano letivo de 2019/2020. Esta escola iniciou a sua atividade no ano letivo de 1983/1984, como escola preparatória, onde apenas era lecionado o 5.º e 6.º anos de escolaridade. A partir de 1991/1992, o 7.º ano de escolaridade passa a ser lecionado nesta escola. Em 1997, passou a abranger os 2.º e 3.º Ciclos. No ano de 2003, passou a ser um agrupamento, sendo este composto pela escola sede, vinte e seis escolas do primeiro ciclo e por três jardins de infância. Esta escola, foi ainda alvo de algumas obras de ampliação e remodelação, que terminaram em 2003. Nos dias de hoje, voltou a abranger os níveis de escolaridade que tinha no início da sua atividade, sendo apenas lecionados os 5.º e 6.º anos de escolaridade (2.º ciclo).

Esta instituição apresenta ainda infraestruturas adequadas à aprendizagem. Possui um pequeno auditório, onde são realizadas algumas apresentações públicas, um bar, a cantina dos alunos e um pavilhão. O exterior comporta algumas árvores, e espaços destinados aos alunos nos seus tempos livres, nomeadamente campos para a prática de desporto, mesas para jogar ténis de mesa e uma rádio da responsabilidade dos alunos.

Nesta escola foi possível constatar uma pequena divisão dos alunos, no que diz respeito a ocupar o seu tempo no intervalo das aulas. Alguns alunos encontravam-se nos campos exteriores a praticar desporto, outros, no pátio, a conversar, outros na rádio que é da responsabilidade dos mesmos, e por fim, muitos dos alunos passavam os seus intervalos na porta da sala, onde iam ter aula.

2.2. Caracterização da Sala de Aulas (5.º e 6.º anos)

A PES, nas turmas de 5.º e 6.º anos de escolaridade, apresenta como espaço, a sala de aula de Educação Musical, (EM2). Trata-se de uma sala relativamente pequena, tendo em conta o número de alunos. Este espaço, relativamente às suas dimensões, não é o melhor para a realização de determinadas atividades práticas. É constituída por dezasseis mesas duplas, organizadas em três filas, tem um quadro liso, um quadro com pauta, uma secretária para o professor, um computador, um sistema de som e um vídeo projetor. Dentro da sala de aula, o professor tem ainda acesso a um teclado (clavinova). Este espaço possui um anexo, onde estão diversos instrumentos musicais:

Instrumentos Musicais
Xilofones;
Metalofones;
Jogos de sinos;
Triângulo, castanholas, maracas, clavas, entre outros;
Guitarras;
Cavaquinhos;
Bateria;
Teclado elétrico;
Mesa de som;
Pequena percussão (<i>Orff Instrumentarium</i>)

Tabela 1: Tabela com os instrumentos musicais disponíveis na sala de aula

Apesar de esta escola possuir alguma variedade e quantidade de instrumentos, alguns já se encontravam degradados, como por exemplo as guitarras, o que implicou levar a minha, quando era necessário.

2.3. Caracterização da turma de 5.ºano

A turma de 5.ºano é constituída por 20 alunos: 11 rapazes e 9 raparigas, com idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos (como se pode verificar na tabela 3).

Rapazes	11
Raparigas	9

Tabela 2: Tabela de registo da quantidade de alunos na turma distribuídos por géneros

Idade	Masculino	Feminino
9 anos	2	2
10 anos	8	6
11 anos	1	1

Tabela 3: Tabela de registo dos alunos distribuídos por género e idade

No período de observação, foi possível constatar que, de uma forma geral, os alunos mantinham comportamentos tranquilos, sendo considerada uma turma disciplinada. Embora estivessem pela primeira vez na escola e num ambiente novo, os alunos apresentavam comportamentos considerados “normais”. Com o avançar da PES, estas condutas começaram a alterar-se, uma vez que também adquiriram segurança com a escola e com a turma. De uma forma geral, realizavam as tarefas propostas pelo professor cooperante (fase de observação).

Um dos objetivos no início da fase de responsabilização das aulas, foi a realização de atividades práticas, em grupo, para que os alunos se relacionassem entre si e ficassem a conhecer-se uns aos outros.

Nesta turma, três alunos apresentam retenções no seu historial escolar, tendo repetido o 5.º ano de escolaridade e outro aluno apresentava uma retenção no primeiro ciclo.

No que diz respeito à Ação Social Escolar, esta turma possui 13 alunos que usufruem da mesma em diferentes escalões (tabela 4).

Escalão	N.º de alunos a beneficiar da ASE
A	7
B	2
C	4

Tabela 4: Tabela de registo da quantidade de alunos a usufruir da ASE

No que concerne às Necessidades Educativas Especiais, a turma comporta um aluno que apresenta um quadro de síndrome de Asperger com grau leve (de acordo com o Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho). Apesar dos problemas referidos, este aluno demonstrou alguma dificuldade na realização de tarefas em grupo, mas foi possível verificar que tinha facilidades na aprendizagem dos conteúdos.

No que diz respeito ao desempenho escolar, os estudantes revelaram ter mais dificuldades nas disciplinas de Português, História e Geografia de Portugal e Estudo do Meio, não sendo a EM mencionada nessas referências.

De mencionar que nesta turma de 5.º ano, no início do 2.º período, aconteceu a saída de uma aluna e a entrada de uma outra aluna na turma.

2.4. Caracterização da turma de 6.º ano

A turma de 6.º ano é constituída por 21 alunos: 14 rapazes e 8 raparigas, com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos (como se pode verificar na tabela 6).

Rapazes	14
Raparigas	8

Tabela 5: Tabela de registo da quantidade de alunos na turma distribuídos por géneros

Idade	Masculino	Feminino
10 anos	2	2
11 anos	9	4
12 anos	1	0
13 anos	0	2
14 anos	2	0

Tabela 6: Tabela de registos dos alunos distribuídos por género e idade

Na turma, existe a particularidade de dois rapazes serem irmãos gémeos e uma rapariga que transitou de turma, para a presente. Pude observar que, provavelmente por esta razão, a aluna se encontrava isolada dos restantes colegas.

Creio que, neste contexto, um dos objetivos da PES passa por utilizar a EM e algumas atividades para ajudar esta aluna e outros, a integrar-se e socializar com os restantes colegas. Ainda nesta turma existia uma aluna de nacionalidade Francesa que, apresentava algumas dificuldades a nível de escrita, exigindo uma maior atenção.

Verifiquei que os alunos apresentavam algumas dificuldades na leitura rítmica, sendo que, para executar exercícios rítmicos, utilizavam o processo de imitação, o que por vezes, não resultava. Em fase de observação, foi possível constatar (através da realização de atividades) que alguns alunos demonstravam alguma falta interesse em relação às atividades em questão, uma vez que não realizavam as mesmas, fingindo que as estavam a realizar.

Esta turma apresenta alguns casos de Necessidades Educativas Especiais⁵: dois alunos possuem uma Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção; um dos educandos, no ano letivo transato, foi abrangido pelo Decreto-lei 3/2008 de 7 de janeiro,

⁵ NEE – Sigla que designará Necessidades Educativas Especiais.

artigo 16º, ponto 2. Este aluno apresenta uma retenção no quarto ano, onde beneficiou de algumas medidas contempladas em Planos de Acompanhamento Pedagógico. O outro discente, tem acompanhamento psicológico, desde o segundo ano de escolaridade. Um destes alunos usufrui de Medidas de Suporte à Aprendizagem e à Inclusão, no âmbito do decreto-Lei nº 54/2018 de 6 de julho.

Uma das alunas, de nacionalidade francesa, veio de França no início do ano letivo, não falando português e apresentando dislexia, tendo necessitado de algum apoio na explicação dos conteúdos, como também na realização das atividades.

Dos restantes alunos, três apresentam retenções no seu historial, uma no segundo ano de escolaridade e duas no quinto ano.

No que diz respeito aos Serviços de Apoio Sócio Educativo, estão abrangidos quatro alunos da turma.

2.5. Documentos reguladores do processo de ensino-aprendizagem

A PES teve como base diferentes documentos, fornecidos pelo professor Supervisor e Orientador. No início da PES, tive, de imediato, acesso ao programa de Educação Musical para o 2.º ciclo do EB e aos critérios específicos de avaliação, definidos pela escola onde foi realizado o estágio. Para além destes documentos, foram consultados, *o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Ministério da Educação, 2017) e as *Aprendizagens Essenciais* (Ministério da Educação, 2018).

Após a consulta de todos estes documentos, deu-se o início da preparação da PES. Com a leitura e análise do programa de Educação Musical da escola, as aulas começaram a ser preparadas através de um modelo de planificação, fornecido pela professora supervisora. Após este processo de planificação das aulas (preparação), foram sempre executadas reflexões, de modo a compreender os momentos que não funcionaram da maneira desejada, como também o processo inverso.

3. Desenvolvimento e avaliação da aprendizagem profissional

O presente capítulo tem, como intuito, construir a narrativa e o processo da parte prática da minha PES, juntamente com o apoio de algumas pedagogias e a referência de pedagogos da área da Música.

Assim, este ponto inicia com a apresentação e análise dos questionários implementados no início do estágio e que permitiram delinear o mesmo. A aplicação dos questionários detetou uma problemática existente em ambas as turmas, tendo sido, a partir deles, definido o tema do relatório final de estágio. No ponto seguinte (3.2.), seguem os objetivos e estratégias (3.3.), delineados para o mesmo. De seguida e também resultado dos questionários, o ponto 3.4., aborda a “motivação, improvisação e criatividade”, como fator fundamental para a aprendizagem dos alunos. O ponto 3.5., relata algumas das pedagogias e pedagogos que sustentaram a minha atividade na PES. De seguida, no ponto 3.6., é apresentado o tipo de investigação e ferramentas utilizadas para levar a cabo a investigação empírica.

Por fim, a última secção (3.7.), apresenta algumas das atividades realizadas na PES, assim como a análise dos dados obtidos relativamente às mesmas.

Em suma, neste capítulo, pretendo demonstrar de que forma as pedagogias musicais escolhidas e utilizadas no contexto da PES foram importantes, em diferentes níveis, nomeadamente enquanto motivação para a aprendizagem da Educação Musical.

3.1. Questionário inicial

Como já referido, o questionário⁶ foi aplicado na fase inicial da PES, sendo que o seu principal objetivo passou por obter dados dos alunos com quem iria trabalhar, no decorrer do ano letivo. Após a sua aplicação, procedi à sua leitura e análise, de modo a observar os resultados.

Os questionários foram idênticos para ambas as turmas (5.º e 6.º ano de escolaridade) e contavam com cinco (5) questões abertas, sendo que, para cada uma, foi elaborado um gráfico, estando o mesmo identificado com a pergunta e o número de respostas à pergunta. Os números apresentados são referentes às respostas dos alunos e estas encontram-se inseridas em categorias, sendo o questionário respondido de forma anónima. No que diz respeito à análise e tratamento de dados, não foi utilizado nenhum programa em particular.

No que concerne à turma de 5.º ano de escolaridade, apesar da turma ser composta por 20 alunos, no dia da aplicação do questionário, faltou um aluno e o mesmo foi implementado a 19 alunos

Os resultados obtidos através deste questionário, foram os seguintes:

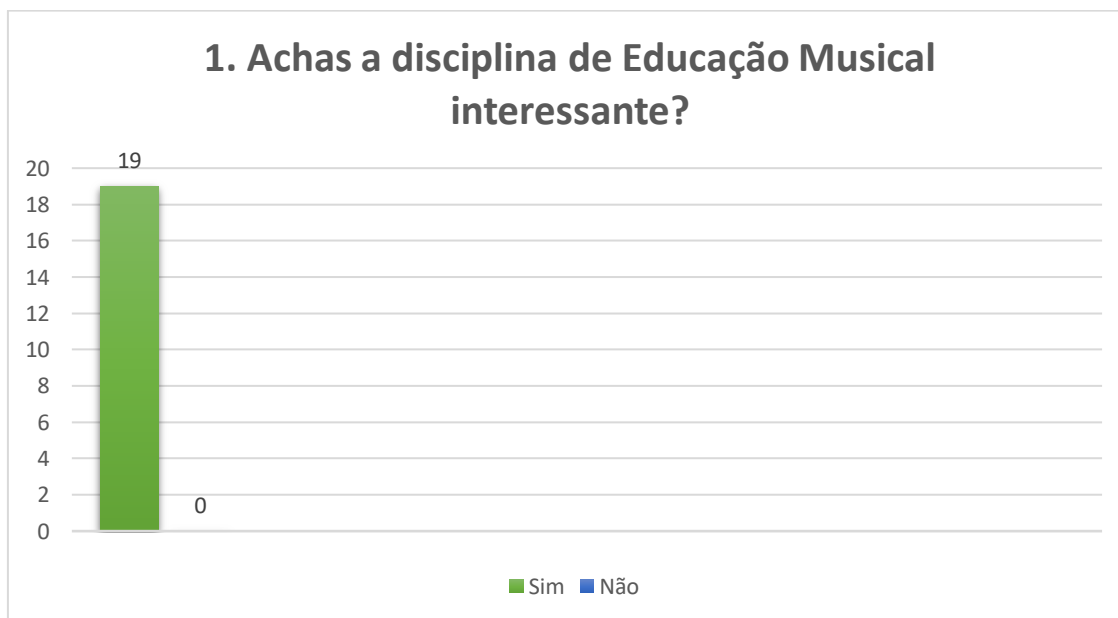


Figura 1: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 1ª questão

⁶ Ver anexo 1.



Figura 2: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 2ª questão

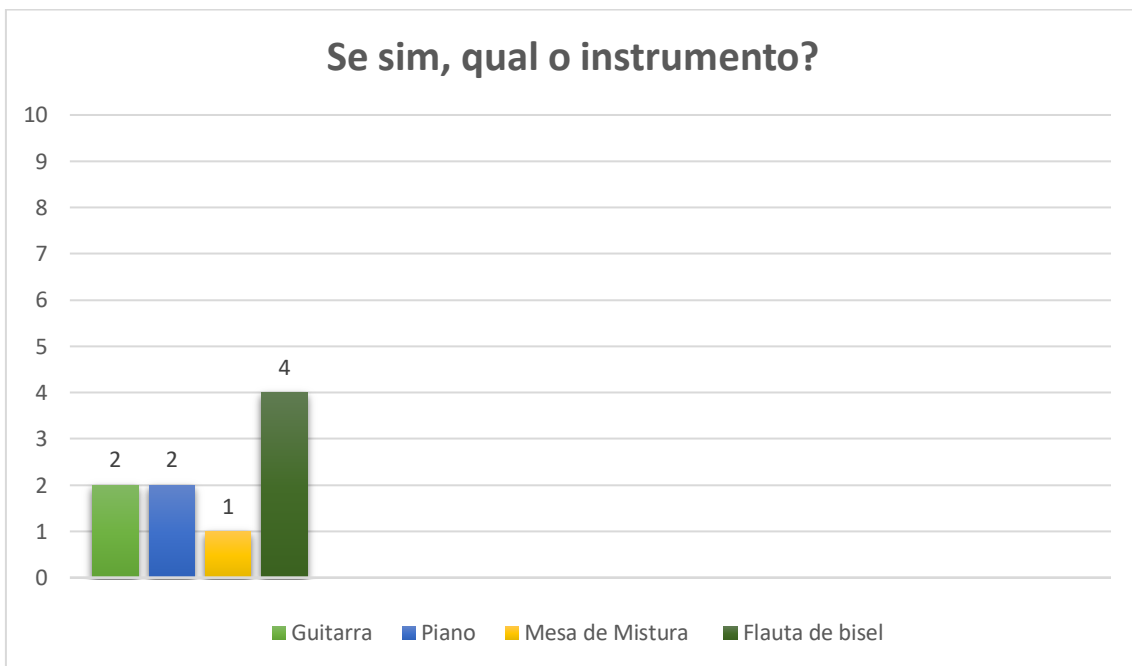


Figura 3: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 2ª questão

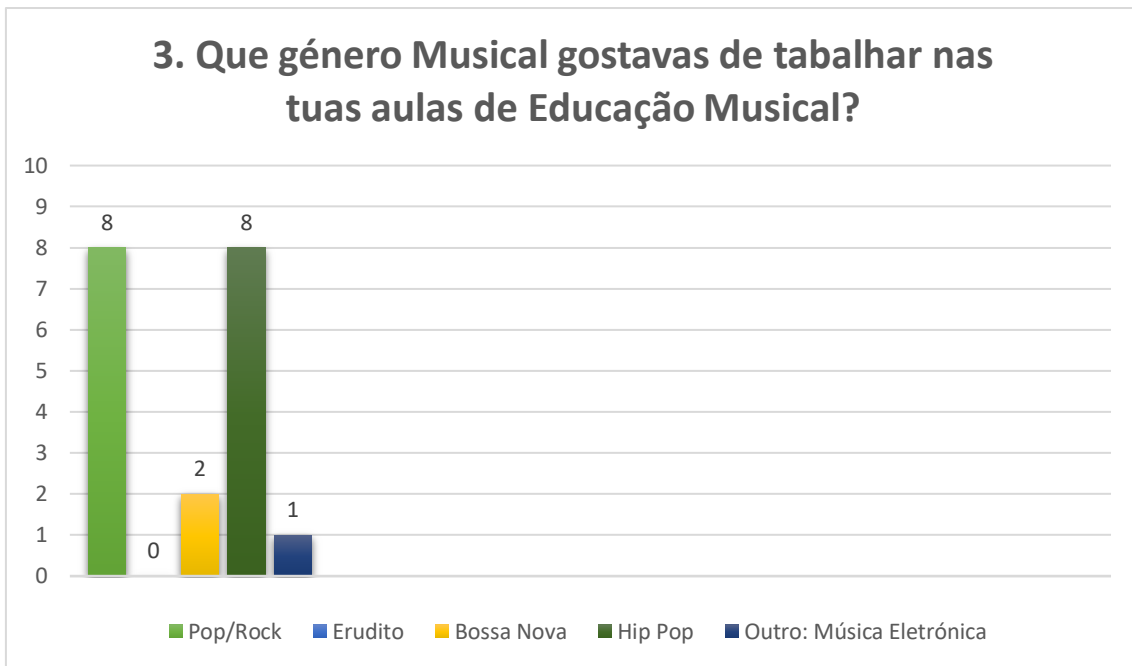


Figura 4: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 3ª questão

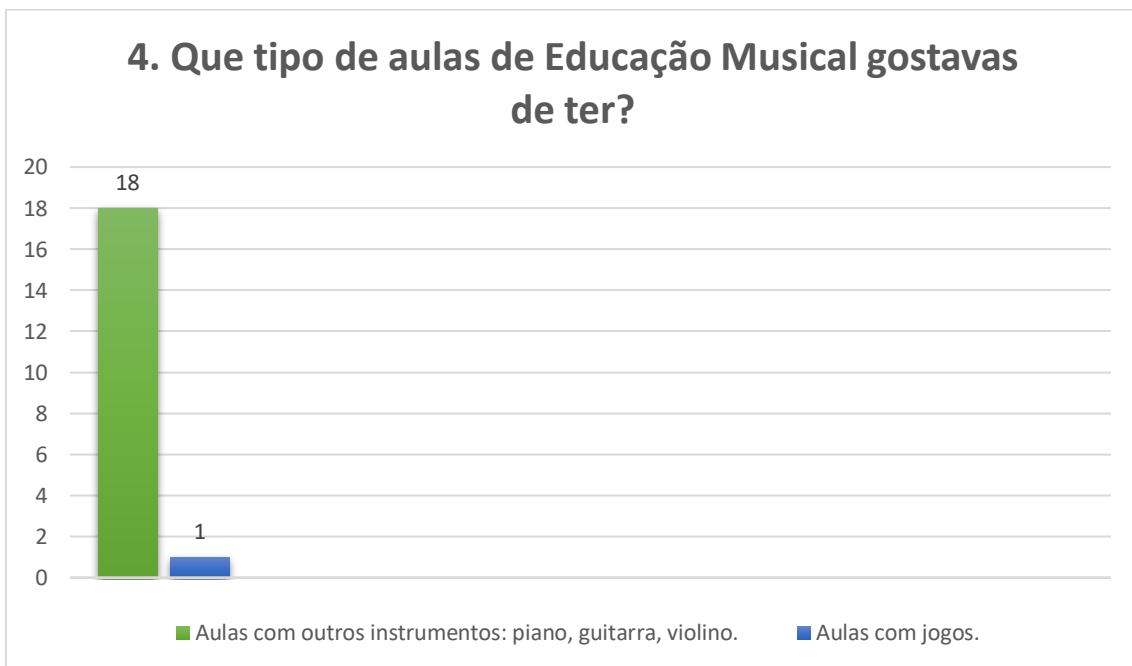


Figura 5: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 4ª questão



Figura 6: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 5ª questão

Em suma, esta turma (5.º ano) tem interesse pela disciplina de EM, apesar de poucos alunos praticarem instrumentos que não são utilizados de forma frequente na disciplina. Apenas dois alunos praticaram guitarra e um aluno piano. Os restantes responderam que nunca tinham praticado um instrumento e que o único instrumento que praticaram foi a flauta de bisel, muito provavelmente em contexto da disciplina de EM. A nível de género musical que os alunos ouvem e gostariam de trabalhar, as preferências passam pelo Pop/Rock e Hip-Hop. Os alunos desta turma salientam ainda a preferência em trabalhar com outros instrumentos musicais, para além do instrumental Orff e flauta de bisel, como por exemplo, o piano e a guitarra. Com estes inquéritos, foi possível conhecer um pouco melhor esta turma de 5.º ano e observar o carinho que estes nutrem pela Música, sendo que as respostas fornecidas foram utilizadas como base para a realização da PES, nesta turma.

Relativamente à turma do 6.º ano de escolaridade, foi entregue o questionário idêntico ao anterior e o mesmo preenchido por 21 alunos. Os resultados obtidos foram os seguintes:

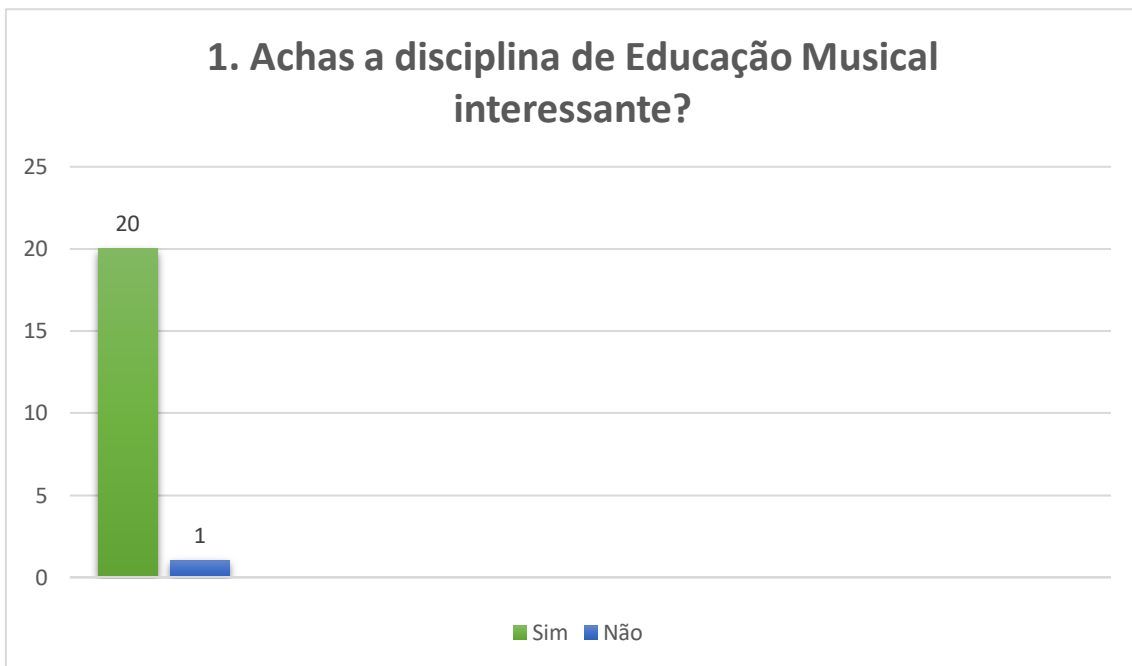


Figura 7: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 6.º ano – 1ª questão

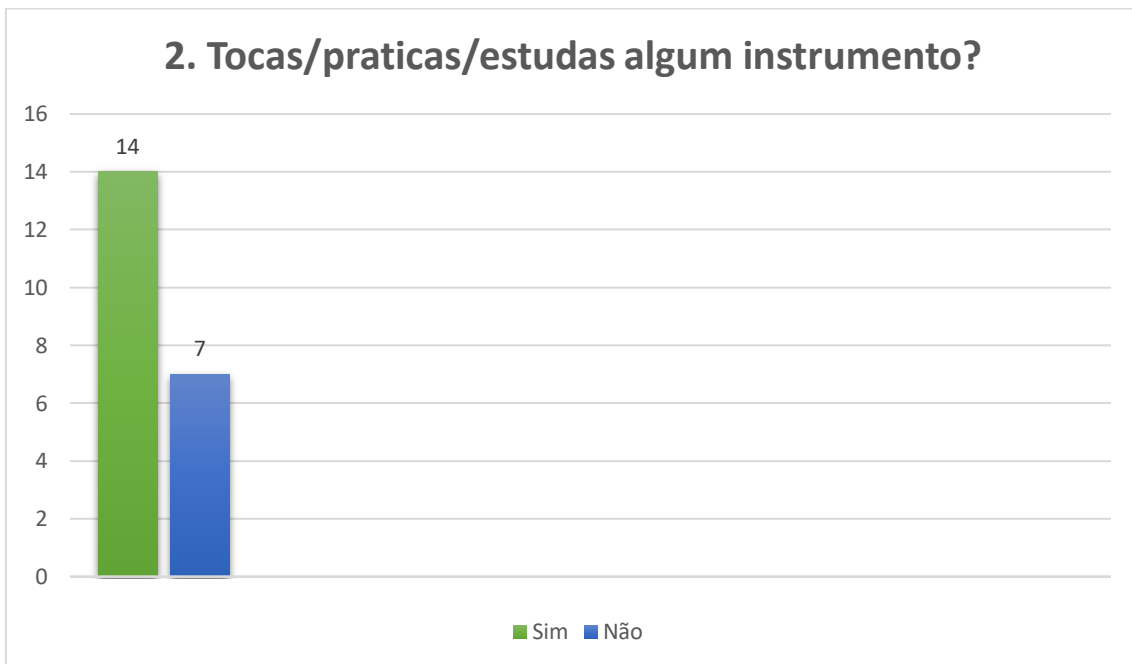


Figura 8: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 6.º ano – 2ª questão

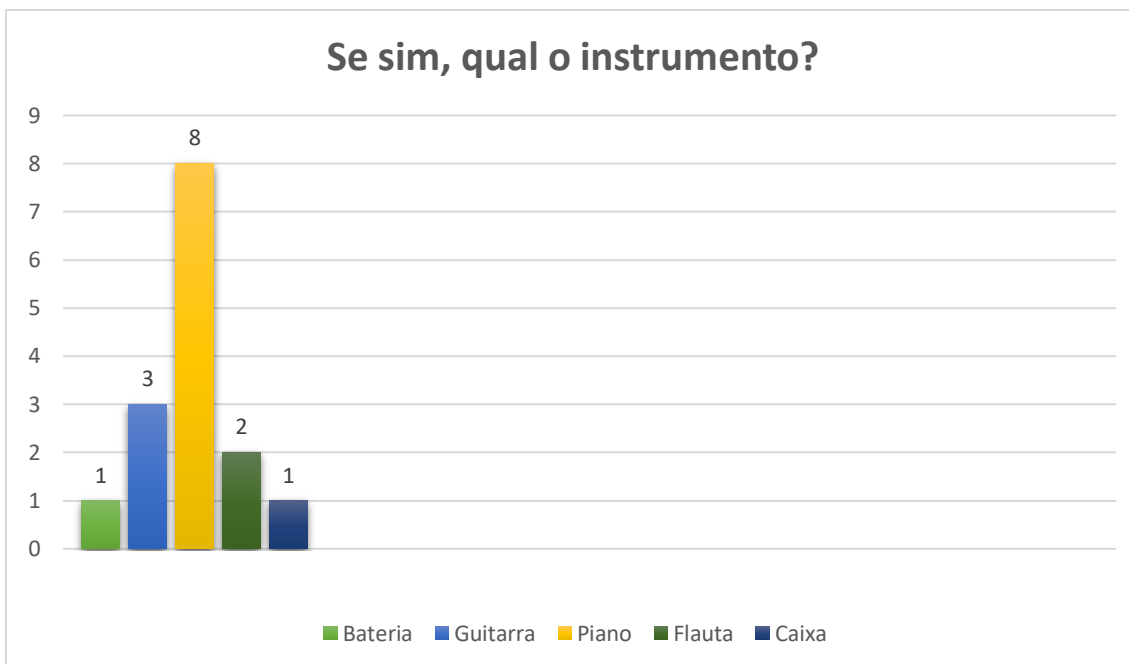


Figura 9: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 6.º ano – 2ª questão

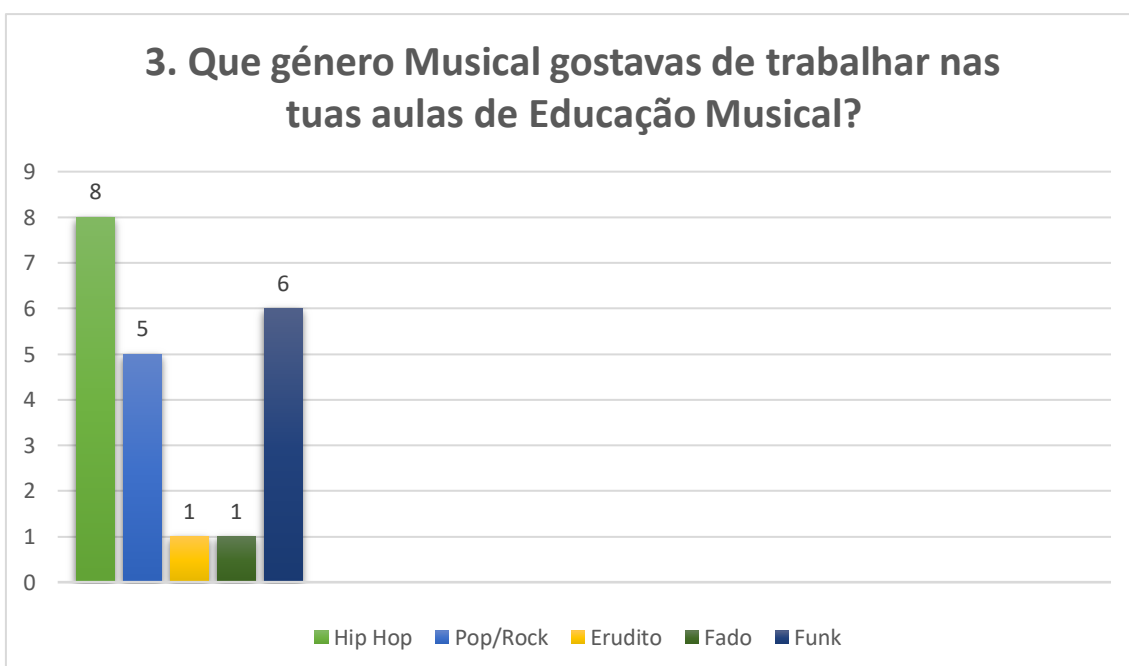


Figura 10: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 6.º ano – 3ª questão

As seguintes questões, foram retiradas de forma idêntica ao respondido pelos alunos, isto para evidenciar e demonstrar os gostos destes:

4. Que tipo de aulas de Educação Musical gostavas de ter?

“Gostava de ter aulas com vários instrumentos para cada um tocar e para improvisar uma banda.”

“Gostava de tocar instrumentos, de cantar e de fazer jogos.”

“Gostava de ter aulas práticas: jogos musicais e tocar instrumentos.”

“Aulas com jogos de música.”

“Poder tocar com os instrumentos.”

“De quando trabalhamos uma música ou criamos uma.”

5. Gostas de Música? Qual a tua opinião em relação à Música?

“Sim, eu gosto de música. A música faz a gente ficar alegre.”

“Sim, gosto. A música descontra-me e faz-me feliz.”

“Sim, gosto de música porque é divertida.”

“Sim. Quando eu toco ou oiço música deixa-me feliz.”

“Sim, é divertida e bate no coração.”

“Sim. A música é fixe e eu gosto de ouvir.”

“Sim. A minha opinião em relação à música é que é animadora e emocional, que me inspira.”

“A música é divertida, fixe, engraçada, dá para dançar e às vezes acalma-nos.”

“Sim, eu adoro música. Quando eu toco ou oiço música deixa-me feliz e com energia.”

“Sim. É fixe.”

Em suma, ao observar os resultados dos questionários desta turma de 6.º ano de escolaridade, foi possível constatar que, na sua maioria, os alunos gostam da disciplina de EM (apenas um aluno referiu não gostar da disciplina). Dos 21 alunos que responderam ao questionário, 14 revelaram que já haviam tido contacto com instrumentos musicais,

nomeadamente: piano, guitarra, flauta, bateria e caixa. No que diz respeito ao género musical, pelo qual os alunos têm mais contacto e preferências, estes passam pelo Hip-Hop, Funk, Pop/Rock, Erudito e Fado.

Por fim, nas duas últimas perguntas de carácter “aberto”, as respostas desta turma foram um pouco idênticas. Em relação às aulas de Educação Musical, estes alunos referem a utilização de outro tipo de instrumentos musicais e de jogos musicais. A última pergunta veio reforçar o gosto destes alunos pela Música: “Sim. A minha opinião em relação à música é que é animadora e emocional, que me inspira.”; “A música é divertida, fixe, engraçada, dá para dançar e às vezes acalma-nos.”; “Sim, eu adoro música. Quando eu toco ou oiço música deixa-me feliz e com energia.”; “Sim. É fixe.”.

Para além da preparação da PES, estes questionários permitiram pensar de uma outra forma em relação ao estágio, nomeadamente à forma e estratégias que iria utilizar para transmitir os conhecimentos aos alunos. Através da fase de observação, do diálogo, como também dos questionários aplicados a estas duas turmas (5.º e 6.º anos de escolaridade), constatei que os instrumentos musicais aos quais estes tinham acesso nas suas aulas, eram apenas o instrumental Orff e a flauta de bisel. Os restantes, nomeadamente a guitarra, baixo, bateria e piano não eram utilizados. Do meu ponto de vista e da minha experiência como aluno de Educação Musical, o simples facto de utilizar este tipo de instrumentos, motiva o aluno para as aprendizagens musicais. Com base nos questionários implementados, deparei-me que os alunos partilhavam desta opinião, tendo sido definido, na fase inicial da minha PES, a utilização destes instrumentos musicais, de modo a motivar e cativar estes alunos, e a usá-los como tema deste Relatório Final de Estágio – **Os instrumentos musicais na sala de aula, como processo/ferramenta de aprendizagem: estudo de caso.**

3.2. Objetivos

Na fase inicial da PES, foram definidos alguns objetivos relativos ao processo de ensino-aprendizagem. Com o propósito de ir ao encontro dos gostos, interesses e necessidades dos alunos, na fase de observação, foi aplicado o referido questionário. A aplicação do mesmo teve como intuito os seguintes aspetos: 1) esclarecer as minhas sugestões em relação ao que devia ser lecionado; 2) a forma como devia ser lecionado; 3) o tipo de repertório e ferramentas a utilizar com os alunos. Neste caso em específico, o foco passou pela utilização dos instrumentos musicais e a prática musical, muitas vezes esquecidos na disciplina da EM, tal como pude perceber durante o período de observação. Tendo em conta a prática e o “fazer” música, como o centro principal de toda a PES, os objetivos principais foram:

1. tornar os instrumentos musicais e prática instrumental, como elemento motivador no processo ensino-aprendizagem da EM;
2. utilizar os instrumentos e prática musical, como veículo de interação entre os alunos;
3. aprender os conceitos musicais (Programa de EM);

Na minha opinião, julgo que o facto de o aluno estar motivado para uma determinada tarefa ajuda na aprendizagem da mesma, pelo que os objetivos definidos partiram desse mesmo princípio, ou seja, criar estratégias para a motivação em aprender. Beineke (2015) reforça esta ideia ao afirmar que tudo aquilo que podemos ensinar é sempre possível de ser aprendido por alguém com interesse (Beineke, 2015). De certa forma, o uso dos instrumentos musicais, como a voz, foi utilizado de modo a suscitar uma motivação, por parte dos alunos, na aprendizagem dos conceitos propostos. No decorrer da PES, consegui proporcionar aos alunos um maior contacto e conhecimento de outros instrumentos musicais, o que indicou um aumento do envolvimento, da motivação, cooperação, o que conduziu um bom ambiente de grupo.

3.3. Estratégias

De modo a utilizar os instrumentos musicais como motivação para a aprendizagem da EM, em cooperação com o colega de estágio, foi delineada uma organização relativa à distribuição das aulas lecionadas. Devido a vários fatores, essa mesma organização foi várias vezes alterada por uma questão de coerência nos trabalhos a serem realizados em cada turma. Na fase de auscultação, onde foi possível observar determinados comportamentos dos alunos e outros aspetos que constam na caracterização das turmas, percebi que não havia muita prática musical e interação-grupal. Deste modo, fomos criando espaço para essa prática, constituindo também este um fator para que surgisse uma maior interação entre todos.

Posto isto, as estratégias adotadas para as turmas de 5.º e 6.º anos de escolaridade passaram, na sua plenitude, por uma breve introdução ao conceito a ser estudado e, logo de seguida, a sua aplicação nos instrumentos disponíveis, de modo que os alunos vivenciassem o que estavam a aprender. Em relação aos instrumentos (de fácil transporte), foi sempre solicitado aos alunos a utilização dos seus. O facto de o aluno ter a responsabilidade de trazer uma coisa que era sua também funcionou como elemento de motivação. Numa fase final, foi sempre realizada uma reflexão do que havia sido executado, tendo por fundamento a participação e exposição por parte do aluno do que havia aprendido, servindo também para que os alunos compreendessem a razão e a finalidade de determinada atividade. Considerei importantes estes momentos de reflexão e diálogo com os alunos, uma vez que beneficiavam os dois lados (professor e aluno). No que concerne ao professor, foi possível compreender se a estratégia e a forma como era colocada a atividade resultavam no sucesso da aprendizagem por parte do aluno, auxiliando, por vezes, a realizar determinadas mudanças na forma como planificava e pensava nas aulas. Em relação ao aluno, este tipo de exercício promovia uma interação e desenvolvimento do espírito crítico, uma vez que, no decorrer dos diálogos, trocavam impressões entre si.

Nas duas turmas (5.º e 6.º anos de escolaridade), as estratégias, embora mudassem em alguns contextos, foram de certa forma, idênticas. Ao trabalhar os conceitos, tive sempre em consideração o que o aluno já sabia, construindo, sobre essa base, um novo conhecimento. Sempre que possível, esses mesmos conceitos também foram trabalhados consoante repertório proposto pelos alunos, de maneira a ir ao encontro

dos seus gostos e interesses, sendo mais um fator positivo para aprendizagem e gosto pela disciplina de EM.

3.4. Motivação, Improvisação e Criatividade

No início e no decorrer da minha PES, estas três palavras estiveram presentes, de forma sistemática. Ao planificar e idealizar uma aula, nomeadamente as atividades a implementar com estes alunos, colocava sempre a mesma questão: “Como vou motivar os meus alunos?”. Nos dias de hoje, a motivação tem-se afirmado como elemento fundamental, tanto a nível da aprendizagem, como do sucesso dos alunos. O seu estudo pretende a aquisição de respostas para o comportamento humano, sendo que a nível psicológico, o seu fundamento está relacionado com a compreensão de determinado comportamento, numa eventual situação (Lemos, 1993).

Após colocar esta motivação nas atividades que implementei (no caso destas turmas, sobretudo através dos instrumentos musicais), procurei que estes alunos desenvolvessem a criatividade e, posteriormente, a improvisação. Estas palavras formam uma base de todas as atividades realizadas com estas duas turmas.

Para além da voz, outros instrumentos musicais, como por exemplo, os instrumentos de percussão de altura indefinida (o designado instrumental Orff), constituem instrumentos de fácil acesso/compreensão, fornecendo as mesmas experiências, tanto a nível rítmico, como melódico e harmónico. Um dos princípios da abordagem OS é o movimento e a experimentação. Este movimento leva a que o nosso corpo expresse as suas emoções, daí resultando a dimensão afetiva. A experimentação, a improvisação e a criação, também são elementos característicos da referida abordagem, desenvolvendo o espírito crítico, neste caso do aluno, a sua personalidade e as capacidades estético-artísticas e afetivas (Cunha, 2016). A criatividade permite ao ser humano a descoberta de novas coisas, elevando a qualidade das suas relações e da sua personalidade. A mesma é “proveniente do termo latino *creare*, que significa fazer, e do termo grego *krainen*, que significa realizar” (Oliveira & Alencar, 2008, p. 296). No que diz respeito à experimentação, o facto de descobrir, criar e refletir estão na origem dos aspetos físico, sensoriais intelectuais e sociais.

Em suma, ao desenvolver estes aspetos, a abordagem OS apresenta-se como uma ferramenta de trabalho pedagógico-musical holística, que possibilita a construção e desenvolvimento de diferentes competências gerais (Cunha, 2016).

Segundo a teoria de ensino de Jerome Bruner (1976), existem quatro características principais: predisposição, estrutura, sequência e reforço. A primeira

característica (predisposição), remonta para as experiências do foro efetivo, motivando para a aprendizagem. De modo a que exista a referida predisposição, é necessário recorrer a fatores culturais e pessoais que sejam motivacionais e, desse modo, “despertar” o desejo pela aprendizagem. A estrutura passa pela organização dos conhecimentos. Essa organização é dividida em representação ativa, ou seja, o conhecimento é representado de uma determinada forma, para que tenha um determinado resultado; a representação icônica, composta por um conjunto de imagens sintetizadas e representações simbólicas, ou seja, um conjunto de propostas com origem num sistema simbólico. A sequência também é uma característica desta teoria, ou seja, a forma com que se organiza os conteúdos a lecionar, que sejam de tal forma eficientes e que permitam o aumento da compreensão do conteúdo. Por fim, o reforço pode facilitar a introdução da informação correta (Freire & Silva, 2005).

Relativamente à motivação, esta poderá ainda ser do tipo intrínseca e extrínseca. A primeira diz respeito a fatores internos, sendo referente aos interesses individuais e a segunda encontra a sua origem nos fatores externos.

Dentro da motivação, de acordo com Tapia e Fita (2015), citados por Monteiro (2017), existem ainda quatro grandes grupos:

- “1. “Motivação relacionada com a tarefa ou motivação intrínseca. A própria matéria de estudo desperta no indivíduo uma atração que o impulsiona a se aprofundar nela e a vencer os obstáculos que possam ir se apresentando ao longo do processo de aprendizagem. O aluno encontra reforço no processo à medida que avança, ao verificar que o domínio de alguns conceitos e técnicas abre-lhe as portas para novos conceitos e técnicas que lhe permitirão ir aprofundando e dominando a matéria objeto de estudo.”
2. “Motivação relacionada com o eu, com a autoestima. As crianças e os adolescentes com alto nível de autoestima obtêm melhores resultados na escola”.
3. “Motivação centrada na valorização social (motivação de afiliação). Satisfação afetiva que produz a aceitação dos outros, o aplauso ou a aprovação de pessoas ou grupos sociais que o aluno considera superiores a ele.”
4. “Motivação que aponta para a conquista de recompensas externas.” (Monteiro, 2017, pp. 21–22).

3.5. Pedagogos e Pedagogias com influência na PES

3.5.1. Edwin Gordon

Edwin Gordon nasceu em 1927 nos EUA e faleceu em 2015. Na sua vida profissional, foi um investigador e psicólogo, tendo a sua investigação recaído sobretudo no desenvolvimento da *Teoria da Aprendizagem Musical*. Esta teoria descrevia a forma com que as crianças realizam a aprendizagem musical. Uma das principais analogias, referidas por Edwin Gordon, associa a aprendizagem da Música à língua materna. De acordo com Pereira (2017), a mesma encontra-se dividida em quatro tópicos:

“- Primeiro, ouve-se os outros a falar. Desde o nascimento, e mesmo antes, o ser humano está cercado pelo som da língua e da conversação. Absorvem-se estes sons e, com eles, nasce a familiarização com a língua.

– Segundo, tenta-se imitar aquilo que se ouve.

- Terceiro, começa-se a pensar através da língua. Palavras e frases começam a ter sentido à medida que se ganha experiência e desenvolvem competências linguísticas e comunicacionais.

- Quarto, começa-se a improvisar. Por outras palavras, já se é capaz de criar as próprias frases e organizá-las de uma forma lógica. Os falantes já são capazes de manter uma conversa. Finalmente, ao fim de vários anos a desenvolver a capacidade de pensar e falar, aprende-se a ler e escrever, como resultado das fases anteriores.” (Pereira, 2017, p. 30).

Ao fim ao cabo, quando o aluno aprende o seu instrumento, desenvolve duas capacidades, nomeadamente a audição dentro da cabeça e o uso do instrumento musical (Chagas, 2013)

Uma das definições mais utilizadas para improvisação é a ligação da mesma à criatividade, ou seja, consiste na ostentação de pensamento criativo. Segundo Gordon, citado por Caspurro (2015), existe uma distinção no significado de criatividade e improvisação. Apesar da criatividade ser uma forma de improvisação e toda a improvisação uma forma de criatividade, estes dois processos diferem entre si. O facto de a criatividade surgir num momento de preparação e a improvisação se erguer num momento espontâneo, estabelece a principal diferença entre ambas. O autor surge com uma analogia entre o que distingue a improvisação do ato de compor com linguagem. Ou seja, neste caso, a improvisação associa-se ao discurso falado, que permite ao indivíduo pensar e estabelecer aquilo que vai realizar, sendo que para Gordon esta é a melhor maneira de interpretar o conceito de improvisação. Contudo, apesar desta diferença entre a criatividade e improvisação, estas duas desenvolvem-se num processo contínuo, uma

vez que se torna impossível improvisar sem possuir a capacidade de criar a mesma (Caspurro, 2015).

Diversos autores, nomeadamente Webster (1991), referido por Caspurro (2015), atestam esta mesma ideia, afirmando que só através do resultado da ação é possível referir se o processo é ou não criativo. Com isto, pretende distinguir esta criatividade do processo de explorar.

No campo da Música, nomeadamente na improvisação, a analogia referida (linguagem falada) é a mais utilizada por diversos autores, para definir a improvisação e o processo cognitivo que a envolve. Na teoria musical de Edwin Gordon, é comparada a performance realizada na improvisação com a linguagem falada, executando a referida analogia. De modo a identificar se este processo é ou não criativo, é colocada em causa a forma com que o executante compreende os conteúdos.

Nos dias de hoje, é inteiramente questionável o facto de ser uma boa ou má improvisação. Normalmente, o facto de executar uma “boa” improvisação é, desde logo, associado à aptidão e ao talento do executante. Segundo Gordon, citado por Caspurro (2015), o facto de improvisar bem ou mal, não está inteiramente intrínseco ao talento de um executante. Essa aptidão para improvisar é caracterizada pelo tipo de prática, orientação recebida e desempenho do executante, sendo que estes fatores vão influenciar a forma de improvisar. Uma das grandes questões colocadas passa pelo que está na origem do resultado da performance artística. O resultado das performances pode ter como base predisposições inatas, ou por outro lado, outros fatores, nomeadamente a interação do ser humano com o meio social e cultural, em que se encontra envolvido. Ou seja, o resultado de uma boa ou má performance, segundo diversos pensadores, pode ter como origem a natureza do ser humano ou aquela que este pode ter adquirido. No mundo da Música, estes fatores são considerados, uma vez que é possível contabilizar artistas com as mais diversas capacidades e talento, como também pelo lado oposto. Para Gordon, a aptidão musical permite demonstrar a capacidade que o aluno possui na aprendizagem da Música, existindo uma distinção da realização musical, ou seja, o que o aluno aprendeu. O primeiro ponto é de carácter inato e o segundo é o resultado da aprendizagem do aluno.

A aptidão musical, segundo a teoria da aprendizagem Musical de Edwin Gordon, está relacionada com o conceito de audição, o que significa que não está intrínseco no ser

humano improvisar sobre um tema, ou executar um tema, ou até mesmo dominar determinados conteúdos musicais. Em suma:

“da mesma maneira que ninguém nasce a saber audiar, também no domínio da improvisação ninguém nasce a saber generalizar e criar frases, temas, progressões harmónicas ou um Baixo para acompanhamento de um standard. Ainda que alguém possa ter elevado nível de aptidão para audiar e, obviamente, improvisar, não é necessariamente certo que o consiga demonstrar sem que lhe tenham sido proporcionadas condições efectivas para a respectiva consumação.” (Caspurro, 2015, p. 75).

Ou seja, um dos fatores de extrema importância é a qualidade da aprendizagem transmitida ao aluno, uma vez que o produto final da realização musical do aluno nem sempre é equivalente ao seu nível de aptidão musical (Caspurro, 2015).

No decorrer da minha PES, partilhei um dos princípios de Gordon: a improvisação, porém, aplicada nos instrumentos musicais. Possibilitei ao aluno desenvolver, como também demonstrar a sua criatividade. Na maioria das atividades implementadas, solicitava aos alunos a realização de um pequeno exercício, no final do qual lhe dava liberdade, para que, de certa forma, explorassem um instrumento à sua escolha, utilizando os conteúdos aprendidos. No decorrer deste capítulo, vão ser apresentadas algumas atividades realizadas com as turmas de 5.º e 6.º ano de escolaridade, com a utilização do princípio da teoria da aprendizagem de Edwin Gordon, nomeadamente a improvisação, aplicada aos instrumentos musicais.

3.5.2. Carl Orff

Carl Orff nasceu a 10 de julho de 1895, em Munique (Alemanha) e faleceu no ano de 1982, na mesma cidade. Inicia os seus estudos de piano, em 1900. Para além do piano, estudou violoncelo e pertencia ao grupo coral da sua igreja. Entre 1912 e 1914, estudou na Academia de Música em Munique.

Carl Orff e Gunild Keetman desenvolveram a abordagem *Orff-Schulwerk*, tendo esta como princípios pedagógicos a prática e vivência. O praticante desta abordagem, neste caso específico os alunos do 2.º ciclo do EB, tem, como princípio, sentir e vivenciar aquilo que está a fazer promovendo o desenvolvimento de aspetos cognitivos e afetivos. Outro dos princípios da abordagem OS é a dimensão social, ou seja, o facto de o aluno

cantar, dançar, tocar e criar Música é favorável ao ambiente afetivo para o ensino-aprendizagem. A possibilidade de o aluno se relacionar com os seus colegas, trocar impressões e colocar em prática as suas ideias são aspetos influenciados por esta abordagem, quer a nível individual, quer a nível social. Outro dos princípios da OS é o principal instrumento musical utilizado. Para a abordagem OS, os principais instrumentos passam pelo corpo humano, quer seja através da percussão corporal, como também pela voz (Pereira, 2017). Deste modo, estes princípios vêm demonstrar a importância da abordagem OS, através da “sua natureza elementar, porque tem em conta princípios básicos e inclui outras formas de arte” (Wuytack, 1993, p. 4).

Para além dos instrumentos já referidos, existe o instrumental Orff. Em todas as salas de aula de EM, estes são dos instrumentos que mais as caracterizam. Isto pelo seu fácil acesso para alunos, que têm o seu primeiro contacto com a Música, possibilitando-lhes experiências do foro rítmico, melódico e harmónico. O movimento, a experimentação e a dança são também princípios desta abordagem. Outro dos princípios é a experimentação, improvisação e criação. A possibilidade de dar o aluno a criação de um ritmo, melodia, ou dança são algumas das principais atividades defendidas por esta abordagem, uma vez que as mesmas têm impacto no desenvolvimento do aluno a diversos aspetos. Segundo Cunha (2016),

“a criatividade permite ao indivíduo evoluir em relação a si mesmo, à qualidade das suas relações com os seus pares e à construção da sua personalidade. À experimentação estão ligadas ações como propor, descobrir, criar, refletir, às quais, por sua vez, está inerente a noção de que sentir, pensar, agir e comunicar implicam aspetos físicos, sensoriais, intelectuais e sociais;” (Cunha, 2016, p. 116).

A par das restantes abordagens, esta foi uma das principais abordagens utilizadas no decorrer da minha PES. Como já referido anteriormente, uma das bases da minha PES, é a vivência da Música. Como tal, seria imprescindível a utilização da abordagem OS, tendo em conta os seus princípios. Dado o seu acesso, como também a “facilidade” em tocar, o instrumental Orff foi dos principais instrumentos que utilizei na minha PES. Para além destes instrumentos, o corpo humano foi também utilizado, tendo em conta os princípios desta abordagem.

3.5.3. Keith Swanwick

Keith Swanwick (1931) é um investigador e educador musical oriundo da Inglaterra. Realizou a sua formação profissional na *Royal Academy of Music*. Dos

instrumentos musicais que estudou, são de referir o trombone e o piano. Estudou também regência, na referida instituição. No decorrer do seu percurso profissional, foi editor do *British Journal of Music Education* entre o ano de 1984 e 1998. No ano de 1987, foi o primeiro presidente da *British National Association for Education in the Arts* e por fim, entre 1991 e 1995, presidiu o Conselho de Educação Musical no Reino Unido. A obra de Keith Swanwick é inspirada por Jean Piaget, uma vez que este considera o desenvolvimento do ser humano por espiral, correspondendo a determinadas etapas (Autêntica, 2018).

Em relação ao ensino musical, Keith Swanwick tece algumas perspectivas, nomeadamente em relação ao significado da Música. Defende que cada professor deve realizar uma reflexão sobre o assunto, uma vez que este significado se relaciona com o ensino da Música. Para o autor, a Música está estruturada em três condições, que, em conjunto, possibilitam encontrar a definição de Música. Dentro destas, que são imprescindíveis à definição da Música, está, em primeiro lugar, a seleção de sons, de seguida a relação entre os sons, e por fim, a intenção.

Relativamente à teoria da aprendizagem de Swanwick, este tece que a experiência musical pode ser vista de duas formas diferentes. A primeira forma é estabelecer com a Música uma relação cultural, considerando que, na aprendizagem da Música deve haver um equilíbrio entre aquilo que é apresentado, ou seja, neste contexto específico, motivar o aluno para a EM, apresentando nos conteúdos algo a que o aluno tenha acesso, que goste e ao mesmo tempo a introdução de algo novo. Ao fim ao cabo, esta perspectiva apresentada por Swanwick pretende estabelecer um equilíbrio com o que o aluno aprende, utilizando este fator da tradição cultural para que ele se motive e aprenda o restante conteúdo. Por outro lado, outra das formas de visionar a experiência Musical tem como base a relação individual que o aluno estabelece com determinado objeto musical. Nesta perspectiva, o aluno estabelece uma relação afetiva (Costa, 2010).

Segundo Swanwick, citado por Costa (2010):

“O instrumento musical é muito útil na sala de aula. Swanwick reconhece que nem todos os professores precisam de ser concertistas, mas não deixa de considerar que é fundamental saber tocar um instrumento. As competências científicas são igualmente indispensáveis, nomeadamente ter conhecimentos de História da Música, saber relacionar diferentes momentos históricos e estilos e construir uma visão crítica sobre o tema em questão.”(Costa, 2010, p. 34).

Na perspectiva de Swanwick, é essencial o professor de EM dominar, como também recorrer sistematicamente ao instrumento. Sem dispensar a parte científica da Música, nomeadamente a sua história, o autor considera importante o uso dos instrumentos musicais.

Ao longo da minha PES, procurei, em todas as aulas lecionadas, adotar princípios desta teoria, de Swanwick. Desde logo, apliquei a primeira perspectiva sobre a experiência musical, onde procurei conhecer aquilo que os meus alunos tinham como preferência, nomeadamente os estilos musicais, os instrumentos musicais de que gostavam, como também o tipo de atividades realizadas, para também estabelecer o equilíbrio referido pelo autor. Como já referido anteriormente, este foi um dos princípios utilizados na minha PES para ir ao encontro dos gostos e interesses dos alunos, como estratégias de motivação. Desde logo, foi possível perceber que a forma de os motivar passava pela utilização do repertório que estes ouviam, como também a utilização, por estes, de outro tipo de instrumentos musicais, que não eram usados de forma regular.

Em suma, foram estes os principais autores que me orientaram ao longo da minha PES. Embora não tenha optado por seguir de forma linear cada uma destas abordagens, optei por ir ao encontro do meu primeiro tópico neste Relatório Final de Estágio: “Como é que me vejo enquanto professor?”. Após o meu primeiro contato com os alunos, a fase de observação, que permitiu conhecê-los melhor, nomeadamente a nível musical, tendo presente os resultados dos questionários iniciais implementados, procurei ter em conta aquilo que foi a minha experiência na EM. Um dos objetivos na fase inicial da PES, foi retirar os aspetos positivos da minha experiência, introduzi-los na minha forma de lecionar, conferindo um caráter próprio à minha forma de ensinar.

3.6. Abordagem Metodológica de Investigação

O presente relatório, para além descrever todo o percurso realizado no decorrer da PES, tem também, como intuito, apresentar resultados de uma vertente investigativa realizada durante mesma.

De acordo com Alarcão (2001), todos os docentes, que o são efetivamente, são investigadores. Ou seja, todo o professor tem de possuir a necessidade de se questionar relativamente às suas decisões pedagógicas. Só através da investigação e ao questionar todas as opções, tem a oportunidade de evoluir (Alarcão, 2001).

O facto de ter existido um aumento de investigação na área do ensino da Música, possibilitou salientar a evidência da importância da EM no aluno, como também a necessidade de se fazer investigação nesta área. Segundo Graça Palheiros (1999), “em Portugal não existe ainda uma tradição de investigação em educação musical.”(Palheiros, 1999, p. 15).

A investigação na área da EM teve o seu início nos anos 80 e a sua expansão ocorreu mais tarde, nos anos 90. Segundo Cohen & Manion (1994), citados por Graça Palheiros (1999), a investigação permite ao ser humano conhecer a razão pela qual os fenómenos acontecem e permite o conhecimento da realidade, como também a possibilidade de resolução de problemas que possam surgir no decorrer da prática ou da reflexão da mesma, sendo este o caso dos docentes. Para Swanwick (1984), citado por Graça Palheiros (1999), a investigação é benéfica para o docente, uma vez que provoca um impacto positivo no seu desenvolvimento profissional, através de três aspetos:

“a prática profissional do professor é influenciada pela sua actividade como investigador;

a comunidade profissional é fortalecida pelo aprofundar de conhecimentos;

todos ficamos melhor equipados para responder aos desafios da planificação e da avaliação;”
(Palheiros, 1999, p. 16).

Neste contexto específico da componente investigativa realizada na PES, foi utilizada uma metodologia descritiva/narrativa, onde foi possível aceder a determinados dados que foram descritos e interpretados evidenciando tudo aquilo que pode ter dado origem aos resultados obtidos. No campo da educação, como também das ciências sociais, sobretudo na área da investigação musical, esta é uma das metodologias mais utilizadas. Segundo Casey (1992), citado por Graça Palheiros (1999), existem vários tipos de procedimentos descritivos utilizados neste tipo de investigação. Na investigação que realizei, foram utilizados: estudo de caso, questionário e narrativa

Em relação ao estudo de caso, este tipo de estudo permitiu selecionar as turmas com as quais estava a trabalhar, embora cada uma das turmas tivesse o seu carácter específico;

No que diz respeito ao questionário, este foi uma das ferramentas mais utilizadas nesta investigação, foi o questionário, uma vez que possibilita saber de forma anónima a opinião do aluno em relação ao que foi apresentado. Este tipo de investigação tem, como intuito, que as respostas fornecidas pelo aluno sejam escritas e de carácter aberto, de modo a que o aluno se possa expressar;

Por fim, a descrição de toda a narrativa, implicou o registo diário (no caderno de campo) de todo o processo educativo para, posteriormente, ser analisado. (Palheiros, 1999).

Ao longo da PES, o instrumento de recolha de dados mais utilizado foi o questionário/narrativa, uma vez que o facto de ser aberto e anónimo permitia que o aluno se “libertasse”, exprimindo melhor aquilo que sentia na realização das atividades.

No fundo, a vertente investigativa apoiou-se na investigação-ação. Para muitos autores, este é um tipo de investigação com inúmeras propostas. No entanto, a investigação-ação: “pode ser descrita como uma família de metodologias de investigação que incluem ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão) ao mesmo tempo, utilizando um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre ação e reflexão crítica.” (Coutinho et al., 2009, p. 360).

No âmbito do que já foi referido relativamente à investigação, a investigação-ação vem complementar a sua importância, uma vez que permite ao docente explorar a sua prática, sendo que essa exploração vai contribuir para a aquisição de novos conhecimentos, permitindo ao docente argumentos para a resolução de problemas que possa encontrar em contexto educativo, uma vez que, através da investigação, altera aquilo que é considerado o problema. Uma das principais características deste tipo de investigação é o facto de ser inteiramente prática e aplicada, tendo como principal objetivo resolver determinados problemas. De acordo com vários autores, citados por Coutinho et al (2009), a investigação-ação, tem como principais características:

- ser participativa e colaborativa, uma vez que engloba todos os intervenientes no processo;
- prática e interventiva, intervindo na realidade, não ficando apenas restrita ao campo teórico e a descrever a realidade;
- cíclica, devido ao envolvimento de uma espiral de ciclos;

- crítica, uma vez que também atua como agente de mudança;
- auto-avaliativa, na medida em que tudo aquilo que é modificado é avaliado de modo a ser adaptado e produzir novos conhecimentos (Coutinho et al., 2009).

Segundo Coutinho et al., (2009), na investigação-ação, é possível observar um conjunto de fases que operam de forma contínua. Esse ciclo inicia-se na planificação, ação, observação e reflexão, dando origem, após o seu término, a novas espirais de experiências.

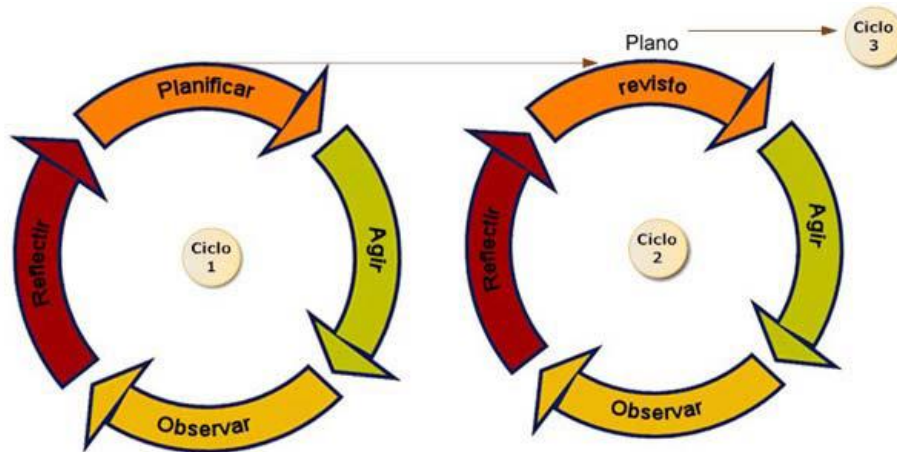


Figura 11: Espiral de Ciclos da Investigação-Ação (Coutinho et al., 2009, p. 366)

Como é possível verificar na figura acima apresentada, este processo da investigação-ação não ocorre apenas num ciclo, uma vez que o objetivo do mesmo é realizar diversas mudanças nas práticas, com o intuito de melhorar os resultados obtidos. No decorrer da investigação, os ciclos acabam por se repetir, competindo ao professor e investigador realizar os ajustes necessários para alcançar a resolução do problema.

No campo da investigação-ação, é possível visionar quatro tipos de modelos, nomeadamente o modelo Kurt Lewin (1946), o modelo de Kemmis (1989), o modelo de Elliot (1993) e por fim, o modelo de Whitehead (1991), sendo que todos estes têm como principal base a espiral apresentada anteriormente.

Após a consulta de todos os modelos expostos, percebi que havia utilizado especificamente um, no decorrer da investigação da minha PES: o modelo baseado em Whitehead. Este considerava que alguns dos modelos apresentados eram algo académicos, nomeadamente o de Lewin e Kemmis e, como tal, não se aproximavam o suficiente da realidade educativa. O seu modelo propunha um esquema que se situava entre a teoria educativa e o desenvolvimento profissional. Para este, a investigação-ação

é apresentada como uma metodologia em que o professor se questiona ao investigar e avaliar o seu trabalho, de forma a ter a noção do que está a realizar, questionar-se sobre o que está bem e menos bem e o que pode melhorar. De modo a criar uma abordagem que permitisse um maior contato com a realidade, apresentou o seguinte modelo:

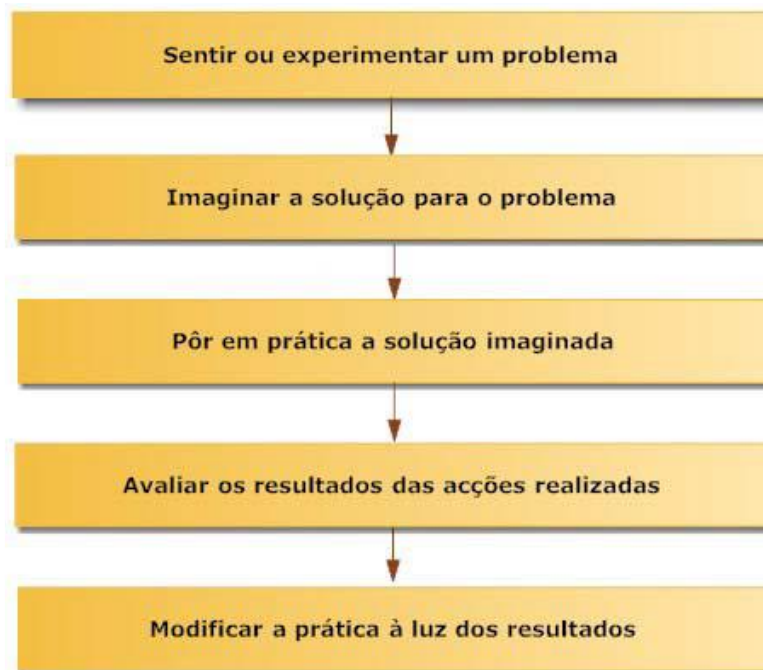


Figura 12: Ciclo de Investigação-Ação, segundo Whitehead. (Coutinho et al., 2009, p. 371)

Ao relacionar este modelo de Whitehead com a minha PES, foi possível constatar o elevado número de vezes em que o coloquei em prática. A primeira vez deu-se na fase de observação, quando comecei a delinear o tema para este relatório final de estágio. Após visualizar alguns comportamentos dos alunos e implementar um questionário, constatei que existia um problema em ambas as turmas e tal podia estar na base da falta de motivação por parte dos alunos. De seguida, elaborei o plano para ultrapassar esse problema, coloquei-o em prática e, numa fase posterior (ainda em fase de estágio), pude constatar alguns resultados. Consoante a fase terminava, o ciclo voltava a repetir. De referir que, apesar deste modelo ter sido decisivo na escolha do tema do relatório, foi utilizado por mim em várias fases do estágio, de modo também a reinventar-me enquanto professor e ultrapassar todos os obstáculos colocados.

3.7. Atividades implementadas na PES

Esta secção tem como objetivo apresentar algumas das atividades implementadas nas turmas de 5.º e 6.º anos de escolaridade, no decorrer da PES. Primeiramente, são abordadas as atividades e projetos relativos ao 5.º ano de escolaridade e de seguida do 6.º ano de escolaridade.

De referir que uma destas atividades contém os resultados obtidos através de um inquérito por questionário, com os alunos a revelarem o que sentiram no decorrer das aprendizagens. De todas as atividades realizadas, apenas nesta tive a possibilidade de implementar inquéritos por questionários.

3.7.1. 5.º ano de escolaridade

No que diz respeito às atividades/projetos implementados no decorrer da PES com a turma do 5.º ano de escolaridade, neste relatório final de estágio, vou abordar quatro (4) atividades/projetos, realizadas com estes alunos.

1) “Peça para assimilar as figuras rítmicas – semínima e colcheia”

A peça mencionada teve a sua primeira abordagem na aula lecionada no dia 19/11/2019⁷.

Na presente aula, foi possível abordar com os alunos o conteúdo das figuras rítmicas, inserido no programa de Educação Musical. Optei por lecionar apenas duas das figuras rítmicas: semínima e colcheia. Na referida aula, após algumas explicações e demonstrações das duas figuras rítmicas, foi possível conceder aos alunos a realização de duas frases rítmicas com a utilização das figuras aprendidas, em sede de sala de aula. A presente atividade foi realizada com intuito de me inteirar se os alunos haviam compreendido o conteúdo estudado. A mesma foi executada em grupos escolhidos pelos alunos e apresentadas no final da aula, aos restantes colegas.

De seguida, na aula lecionada no dia 10/12/2019⁸, este conteúdo teve a sua continuação. Com o objetivo de assimilar o conteúdo das figuras rítmicas, redigi uma

⁷ Ver anexo 2.

⁸ Ver anexo 3.

pequena peça⁹ que continha as mesmas, sendo escrita de forma simples para xilofone, jogo de sinos e percussão. Em sede de sala de aula, os alunos tiveram a oportunidade de passar por todas as “vozes”, tendo conseguido verificar que estes haviam tido alguma dificuldade na sua leitura.

Com o objetivo de simplificar a aprendizagem dos alunos, decidi lecionar um outro conteúdo (compassos simples), de modo a facilitar a leitura da peça. Posto isto, e através da “imitação”, esta peça acabou por ficar lida, mas após a aprendizagem dos compassos simples, acabamos por retornar à mesma e realizar algo mais complexo, uma vez que possivelmente, os alunos já iriam dominar um pouco melhor a leitura.

2) “Atividade – Compassos Simples”

Como mencionado anteriormente, este conteúdo teve, como objetivo, facilitar a aprendizagem das figuras rítmicas. A presente atividade foi realizada no dia 03/12/2019¹⁰.

Iniciei a abordagem a estes compassos simples (binário, ternário e quaternário), com um pequeno diálogo, onde referi os mesmos e a fórmula de compasso. Posteriormente, foram visualizados, pelos alunos, alguns vídeos de Músicas, isto para “sentir” o tipo de compasso presente na Música. O repertório utilizado nas músicas, foi selecionado de acordo com os dados recolhidos através dos inquéritos por questionário, isto para ir ao encontro dos gostos dos alunos, uma vez que na perspetiva de Keith Swanwick, o fato de estabelecer uma relação cultural com o que o aluno aprende, motiva-o para essa mesma aprendizagem.

Após a compreensão de todos estes conceitos/conteúdos, solicitei aos alunos a criação de dois compassos que integrassem as figuras rítmicas aprendidas anteriormente, como também as dinâmicas.

No decorrer desta aula, foi possível verificar que, com a aprendizagem dos compassos simples e fórmula de compasso, os discentes compreenderam as figuras rítmicas, uma vez que completaram o exercício pedido, sem quaisquer dificuldades.

⁹ Ver anexo 4.

¹⁰ Ver anexo 5.

Finalizada esta atividade, foi possível avançar para o projeto musical (abordado seguidamente), onde os alunos colocaram em prática todos os conteúdos abordados até ao momento.

Ao fim ao cabo, esta atividade permite “espelhar” aquilo que foi a minha PES. Optei por lecionar os conteúdos, tecer pequenas abordagens relacionados com o mesmo e visualizar com os alunos alguns vídeos, onde os mesmos estivessem presentes. Após a compreensão dos conteúdos, dava alguma liberdade aos alunos, de modo a que criassem algo, com instrumentos (disponíveis) à sua escolha. No que diz respeito ao tipo de repertório utilizado para demonstrar o conceito aos alunos, como também os instrumentos musicais, foram de encontro à perspetiva de Keith Swanwick, ao estabelecer uma relação cultural com a Música, de modo a ir ao encontro dos alunos. O fato de utilizarem os instrumentos musicais, remonta para a prática e vivência da Música, segundo a abordagem Orff – Schulwerk.

3) “Projeto Musical – “As férias”

O presente projeto teve o seu início na aula do dia 10/12/2019¹¹, tendo resultado de todos os conteúdos abordados até à presente data.

Após a aprendizagem dos compassos simples, com o objetivo de atingir a compreensão das figuras rítmicas, decidi prosseguir com o que havia sido proposto aos alunos, ou seja, realizar algo mais complexo com a peça que tinham lido. Neste projeto¹², da minha parte, apenas foi inserida uma linha melódica, isto para que os alunos tivessem uma base para trabalhar, sendo que o restante trabalho foi criado por eles, no decorrer de algumas semanas de aulas.

A presente aula, como também as seguintes, foram utilizadas para a aprendizagem da linha melódica que propôs.

Com a aprendizagem da parte melódica da peça, surgiu a necessidade de criar uma letra para a mesma que ficou a cargo dos alunos. Na aula do dia 21/01/2020¹³, os alunos começaram por escolher a temática da peça, de forma democrática, sendo “as férias”, a

¹¹ Ver anexo 6

¹² Ver anexo 7

¹³ Ver anexo 8

escolhida. Com a realização desta letra, foi possível abordar, com os alunos, diversos conteúdos musicais, nomeadamente a métrica. Após algumas explicações, os alunos recorreram ao que já tinham aprendido (figuras rítmicas) e facilmente perceberam o que era pretendido. De modo a chegar à letra final, optei por dividir os alunos em grupo, com o intuito de escreverem a sua letra. Este trabalho foi feito com o propósito de promover a interação entre os alunos, sendo esse um dos princípios adotados na fase inicial da minha PES, como também o desenvolvimento da dimensão afetiva e social, segundo a abordagem Orff - Schulwerk. De referir que a apresentação da letra, por cada grupo, permitiu desenvolver e observar o espírito crítico de cada aluno, uma vez que, quando cada grupo apresentava o seu trabalho, os restantes chamavam atenção para a métrica e coerência, assim como para a sua correção.

Com a conclusão da letra, deu-se início ao trabalho de entoação, tendo eu tocado a melodia ao piano, enquanto os alunos cantavam.

Realizada a parte melódica, apenas faltava introduzir os instrumentos musicais, por parte dos alunos, sendo esse outro dos fundamentos da minha PES: a utilização de instrumentos musicais e a vivência da Música. Na aula do dia 28/01/2020¹⁴, comecei por revelar a minha intenção aos alunos e solicitei a quem tinha instrumentos, que os trouxesse para a sala de aula. Nesta aula, foi possível verificar alguma motivação por parte dos alunos, com um destes a referir que, há algum tempo, havia tocado bateria. A introdução dos instrumentos musicais iniciou-se nesta aula, dado que tive a oportunidade de colocar este aluno a tocar bateria. Após algumas aulas e reajustamentos na bateria, foi possível que este aluno tocasse bateria na peça, em conjunto com um colega.

Os passos seguintes ocorreram da mesma forma, com a introdução de uma aluna na guitarra, dois alunos no piano e os restantes alunos no instrumental Orff e canto, sendo os instrumentos escolhidos pelos alunos, de acordo com a perspetiva de Keith Swanwick, de modo a ir ao encontro dos gostos dos alunos.

Na aula seguinte, foi possível tomar conta do interesse dos alunos na peça, uma vez que o orientador cooperante revelou que estes haviam pedido para tocar e aprender a peça no clube de música da escola, que era presidido pelo mesmo.

¹⁴ Ver anexo 9

Em suma, este foi um projeto que me permitiu crescer enquanto professor estagiário, isto porque em cada aula deparava-me com novas situações e, motivações através do interesse que os alunos demonstravam.

Ao finalizar este projeto, foi possível aplicar um inquérito por questionário ¹⁵com o objetivo de conhecer o que os alunos sentiram no decorrer da sua aprendizagem. O inquérito foi aplicado aos 19 alunos presentes e obtive os seguintes resultados:

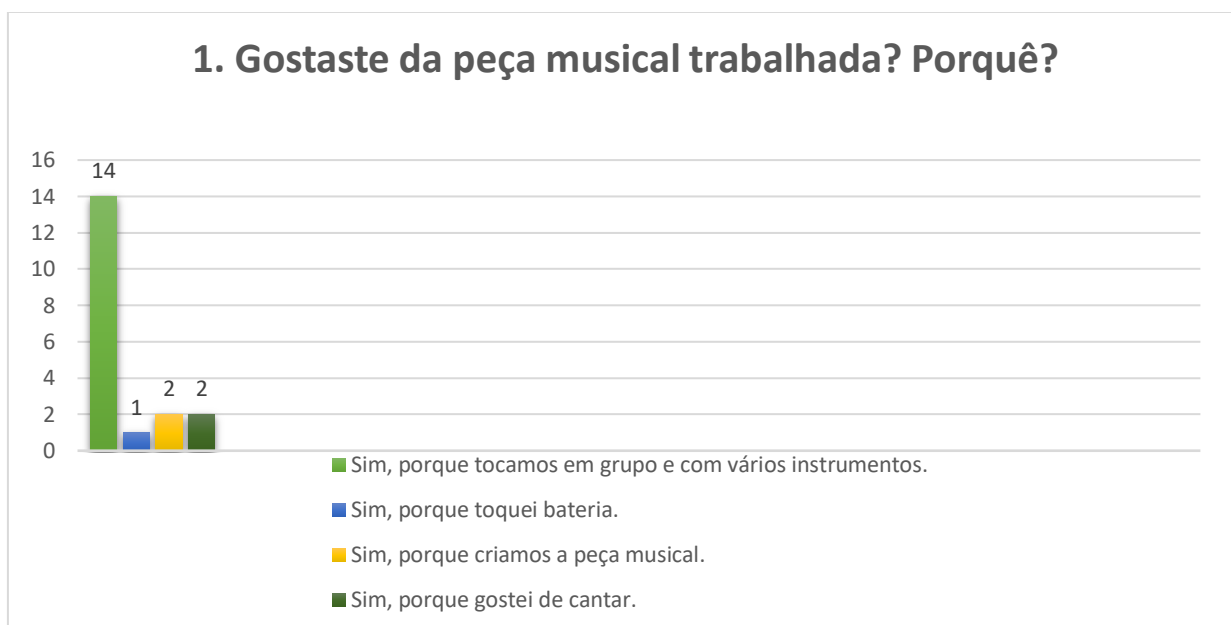


Figura 13: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 1ª questão

¹⁵ Ver anexo 10

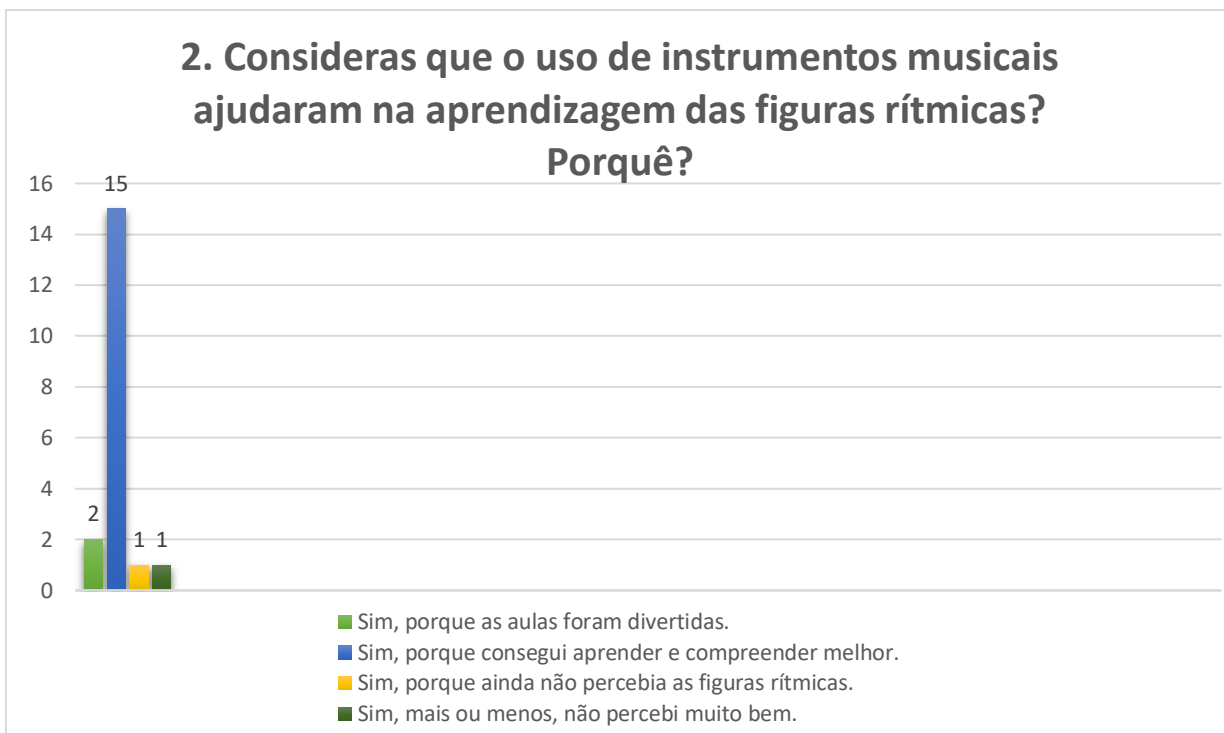


Figura 14: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 2ª questão

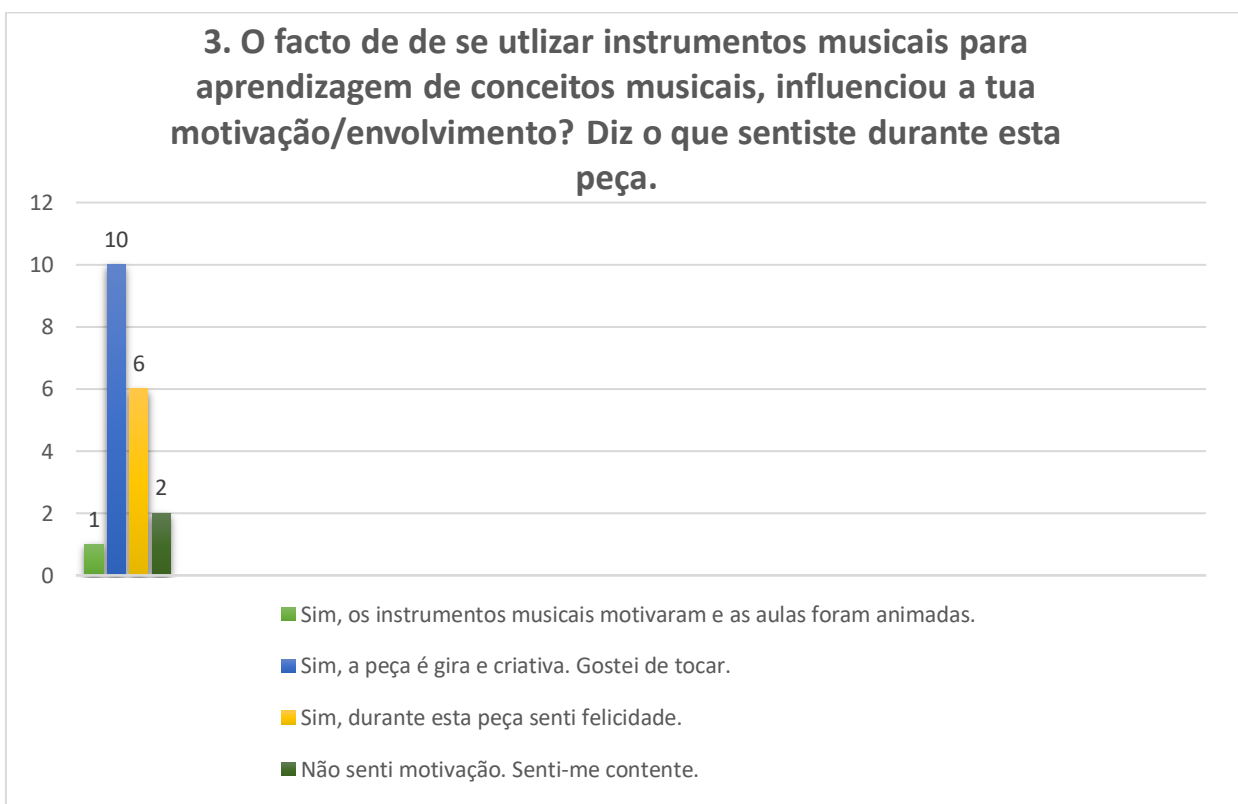


Figura 15: Análise dos dados referentes ao questionário aplicado no 5.º ano – 3ª questão

Da observação e análise destes inquéritos, é possível constatar que o projeto musical em questão, como também a utilização de instrumentos musicais, influenciaram a motivação dos alunos para a sua realização.

Em relação à primeira pergunta, todos os alunos responderam que gostaram de trabalhar a peça musical. De uma forma geral, a resposta destes passou sempre pela utilização de instrumentos musicais. Catorze alunos responderam que o facto de trabalhar a peça em conjunto com os colegas e tocar diferentes instrumentos, fez com gostassem da peça, um aluno gostou da peça por tocar bateria e dois alunos pelo facto de terem criado a peça e ser algo destes, e um aluno que gostou de cantar.

A segunda pergunta tinha como intuito compreender se os uso dos instrumentos musicais ajudaram na aprendizagem das figuras rítmicas. Nesta pergunta, dois alunos referiram que as aulas foram divertidas, pelo facto de se utilizar instrumentos musicais, quinze alunos referiram que a utilização de instrumentos musicais ajudou a aprender e compreender o conteúdo e outro aluno respondeu que sim, uma vez que, até à utilização dos instrumentos musicais, não tinha percebido as figuras rítmicas. Por fim, um aluno respondeu mais ou menos, porque não tinha compreendido o conteúdo abordado.

Na última questão, o objetivo passava por saber se a utilização dos instrumentos musicais havia influenciado a motivação/envolvimento dos alunos nas aprendizagens. Um aluno referiu que a utilização dos instrumentos musicais tornou as aulas animadas, dez alunos acharam a peça criativa e gostaram de tocar a mesma, seis alunos sentiram alegria a tocar a peça e dois alunos referem que os instrumentos musicais não motivaram para a aprendizagem da peça, mas no decorrer da mesma, revelam que sentiram alegria.

Após a análise dos resultados obtidos e leitura das respostas dadas pelos alunos, julgo ser possível afirmar que a utilização destes instrumentos musicais, como também a criação da peça (por parte dos alunos), influenciou a aprendizagem. De uma forma geral, todos os alunos responderam que gostaram de tocar a peça, de trabalhar em conjunto com os colegas e de utilizar instrumentos musicais, os quais não tinham acesso nas suas aulas.

Ao terminar esta análise, devo referir que senti muita satisfação ao observar a evolução que os alunos tinham a tocar os seus instrumentos. O aluno que estava a tocar guitarra tinha pouca experiência, porém, com algum esforço e algumas semanas, conseguiu fazer o proposto. Na bateria, tinha dois alunos que estavam pela primeira vez a tocar. Constituiu de igual forma um desafio, uma vez que tive de reajustar a bateria para

os dois, mas, no final, estes “seguravam” os restantes colegas. Na parte do canto, foi possível trabalhar a entoação e, no final da peça, já não precisavam da ajuda dos professores para cantar, seguindo a sua partitura e o piano, de modo a entoar ritmicamente. No instrumental Orff, o mesmo sucedeu com a sua aprendizagem constante ao longo das semanas.

Finalizando, esta peça permitiu visualizar algumas fragilidades dos alunos (musicais), mas, ao mesmo tempo, criou uma maior ligação a estes e de certa forma, ajudou a ultrapassar muitas dessas dificuldades.

4) “Projeto – Performances criativas”

Este projeto teve o seu início de forma presencial, porém a sua execução decorreu em formato online (via plataforma TEAMS), devido à conjuntura da pandemia do COVID-19, tendo ocorrido da seguinte forma:

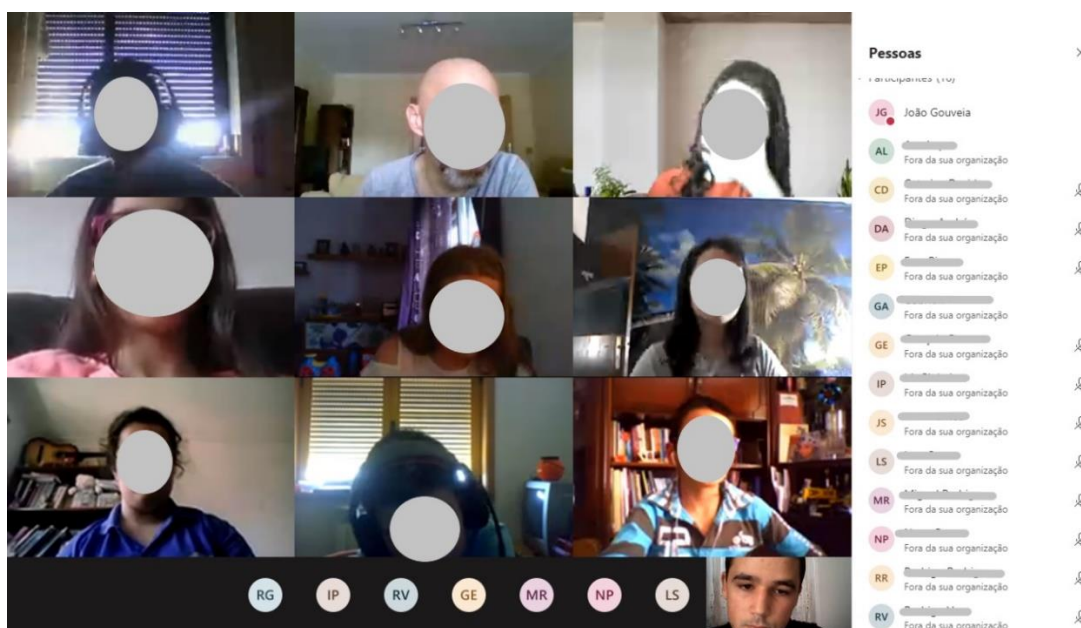


Figura 16: Foto ilustrativa das aulas do 5.º ano de escolaridade, via plataforma TEAMS

Na aula do dia 10/03/2020¹⁶, foi lecionado o conteúdo: ostinatos. A aprendizagem do mesmo ocorreu, de acordo com as restantes. Numa fase inicial, teve uma pequena abordagem, de seguida, os alunos tiveram a oportunidade de ouvir alguns exemplos, tendo em conta a perspetiva de Swanwick (estabelecer uma relação cultural com a Música) e, no final, puderam criar um ostinato, sendo este um trabalho para a aula

¹⁶ Ver anexo 11

seguinte. Contudo, esta foi a última aula realizada de forma presencial, devido à pandemia do COVID-19.

Em maio, retomei o estágio, desta feita de forma online. Uma vez que este conteúdo não tinha sido finalizado, optei por converter o mesmo no formato online, de modo a consolidar a sua aprendizagem.

Na primeira aula, via plataforma TEAMS, expliquei aos alunos que iriam ter um trabalho final da disciplina de Educação Musical e, ao longo de cada semana, tinham uma tarefa para realizar.

O seguinte trabalho foi estruturado, de forma a não subcarregar os alunos, uma vez que já tinham trabalhos acrescidos das restantes disciplinas. O mesmo passava pela escolha de uma Música e realização de um ostinato sobre estas.

De modo a alcançar este objetivo final, ao longo de cada semana, solicitei aos alunos a elaboração de uma tarefa, nomeadamente:

- 1- Escolha de uma música de que gostassem.
- 2- Escrita da emoção que a música transmite, como também a razão da escolha.
- 3- Tipo de ostinato a criar: rítmico, melódico ou rítmico-melódico.
- 4- Apresentação do ostinato criado.
- 5- Escrita do ostinato.
- 6- Entrega do trabalho, através da folha pedida, ou gravação de um vídeo ou áudio a tocar o ostinato criado.

No início do trabalho, foi pedido para que os alunos escrevessem as tarefas realizadas numa folha que teria de ser entregue aos docentes. De modo a não subcarregar os discentes, foi solicitada a entrega de uma fotografia da folha, ou apenas a gravação de um vídeo ou áudio do aluno a tocar o ostinato.

Apesar de ter perdido o fator motivação do aluno tocar um instrumento musical com os restantes colegas, isto no que diz respeito ao desenvolvimento da dimensão afetiva e social, foi possível motivar estes alunos, com a prática e vivência da Música (abordagem Orff – Schulwerk) e a escolhida de uma Música que fosse de encontro aos gostos dos alunos (perspetiva de Keith Swanwick).

Ao fim ao cabo, este acabou por ser um projeto que levou a aprendizagem aos alunos, apesar do distanciamento, mas o facto de realizarem músicas à sua escolha, motivou-os para o mesmo. Como referido, as tarefas eram apresentadas semanalmente,

sendo que duas semanas antes do prazo final, a maioria dos alunos já tinha terminado o trabalho.

Apesar de este não ser o tipo de ensino ideal para a disciplina de Educação Musical, foi possível cumprir o proposto.

3.7.2. 6.º ano de escolaridade

De seguida, irei abordar três (3) das experiências obtidas com o 6.º ano de escolaridade.

De uma forma geral, as aprendizagens desta turma seguiram a mesma estrutura da turma de 5.º ano de escolaridade: pequeno diálogo, com vista o conteúdo, visualização de vídeos relacionados com o mesmo e parte instrumental, através da criação.

1) “Atividade da monorritmia e polirritmia”

A aula ocorreu no dia 06/12/2019¹⁷. Numa forma inicial, foram escritas no quadro as duas palavras para que os alunos as decifrassem, por partes. Após este momento e interiorização dos conceitos, os alunos tiveram a oportunidade de observar dois vídeos do grupo musical “Stomp”,¹⁸ que executavam a monorritmia e polirritmia. A escolha deste grupo musical, foi de encontro aos dados recolhidos, de modo a ir ao encontro aos gostos dos alunos.

Com a interiorização dos conceitos, foi possível projetar no quadro, uma partitura¹⁹, que os continha. Antes da sua execução, foi pedido para que os alunos revelassem os termos musicais (já aprendidos), presentes na partitura.

A partitura continha duas frases rítmicas e cada uma delas foi executada, de modo a que os alunos compreendessem.

No decorrer da aula, todos os alunos tiveram a oportunidade de executar ambas as vozes e, no final da aula, foi realizada uma pequena reflexão sobre a monorritmia e polirritmia.

¹⁷ Ver anexo 12

¹⁸ Grupo musical que utiliza o corpo e objetos para criar performances musicais.

¹⁹ Ver anexo 13

2) Projeto Musical – Música Portuguesa - a forma

Este projeto surgiu no início do segundo semestre, tendo sido proposto no âmbito da cadeira de Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, Didática da Educação Musical. O mesmo tinha como intuito a criação de uma atividade/projeto e de seguida apresentá-lo.

Após um período de reflexão, escolhi para tema do projeto, a música portuguesa, com o objetivo de sensibilizar os alunos para a cultura portuguesa. Para a sua realização, era necessário a aprendizagem da música “O vento mudou – Eduardo Nascimento”²⁰, sendo a mesma executada pelos alunos e na sua maioria, de encontro aos seus gostos.

Na aula do dia 05/03/2020²¹, foi abordado o tema: a forma. A estrutura da aula ocorreu de forma similar às anteriores, com a apresentação das diferentes formas e de seguida, a audição de diferentes Músicas, de modo a identificar o tipo de forma presente nesta.

Com o domínio do conteúdo, foi apresentado aos alunos o projeto musical a ser executado no decorrer do 3.º período. Inicialmente, os alunos visionaram alguns vídeos do festival da canção, onde a música tinha estado presente, sendo este momento aproveitado para falar do festival que, neste momento, já se encontra enraizado na cultura portuguesa. Mostrei-lhes, depois, a mesma música, na versão da banda UHF²². Este momento permitiu demonstrar aos alunos que é possível conceder “uma nova vida” a qualquer música, sendo esta um exemplo.

Nesta aula foi possível estruturar, em conjunto com os alunos, os instrumentos a serem tocados, por estes, na peça.

Porém, devido à pandemia do covid-19, não foi possível realizar este projeto, uma vez que as aulas seguintes foram lecionadas em formato online.

3) Projeto Musical – Música Portuguesa – Versão online

Como apresentado anteriormente, a pandemia do covid-19 fez com que o ensino sofresse alterações, tendo ocorrido da seguinte forma:

²⁰ Música portuguesa, que representou Portugal no festival da canção em 1967.

²¹ Ver anexo 14

²² Banda portuguesa formada em 1978.

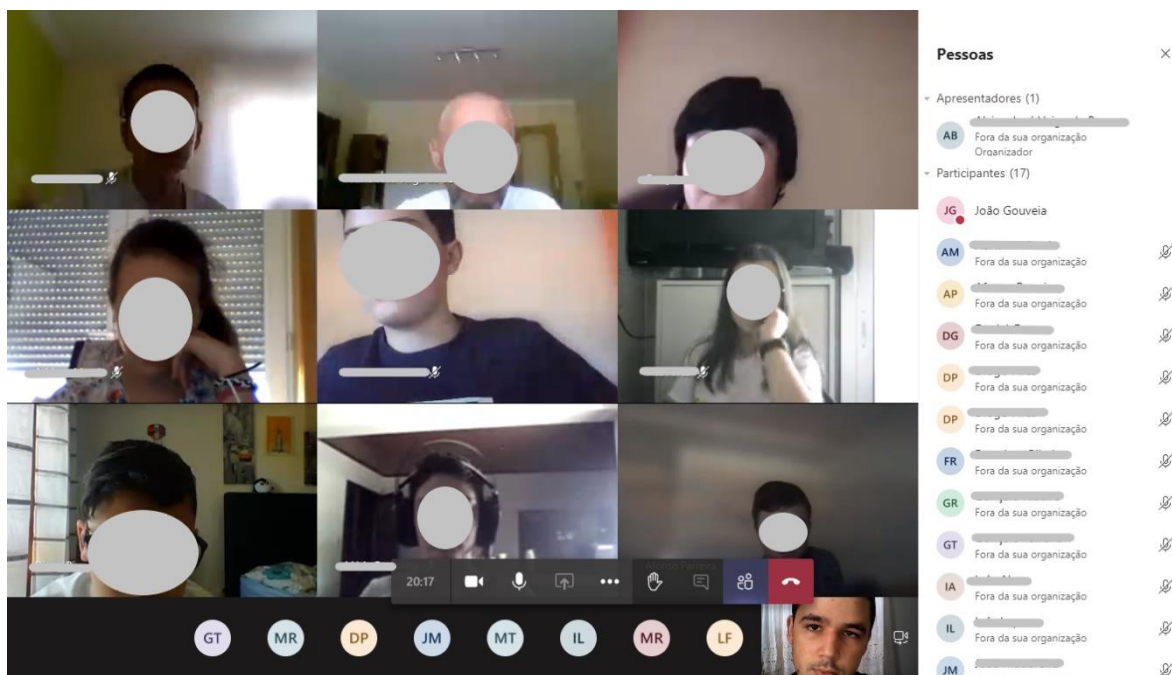


Figura 17: Foto ilustrativa das aulas do 6.º ano de escolaridade, via plataforma TEAMS

Uma vez que este projeto musical envolvia vários instrumentos musicais tocados pelos alunos, tal tornava-se impossível, devido a este novo formato online.

Após alguma reflexão, senti a necessidade de realizar o mesmo, uma vez que julgava ser importante que os alunos tivessem noção da sua cultura, sendo esse um dos seus principais objetivos. Como tal, seria necessário adaptá-lo a esta nova conjuntura.

Na primeira aula, lecionada via plataforma TEAMS, expliquei aos alunos que seria impossível realizar o projeto da forma inicialmente prevista. Disse-lhes que iríamos realizar um trabalho, no âmbito deste projeto, em que cada um iria apresentar um instrumento, música, banda, ou artista português. Deste modo, o principal objetivo do projeto, que passava pelo conhecimento da cultura portuguesa, acabou por chegar aos alunos. Pedi que realizassem apenas uma pequena pesquisa e na aula, em jeito de “conversa”, a abordassem.

Assim sendo, na aula do dia 29/05/2020²³, iniciei este projeto musical – música portuguesa – versão online. De forma a demonstrar o que pretendia com este trabalho, abordei um instrumento musical proveniente da minha região – a braguinha. Devido a várias questões, por parte dos alunos, a apresentação deste instrumento teve a duração de duas aulas.

²³ Ver anexo 15

Na aula do dia 12/06/2020²⁴, os alunos iniciaram as suas apresentações. As mesmas ocorreram de forma curta em jeito de diálogo, isto com o intuito de não subcarregar com trabalhos excessivos e, no final de cada apresentação, tanto eu, como o orientador cooperante, acrescentávamos informações relacionadas com o que havia sido apresentado, como também pequenos reparos.

Em suma, a pandemia do covid-19, novamente acabou por retirar o fator motivacional de poder tocar um instrumento da prática e vivência da Música, porém, os alunos reagiram de forma positiva a esta perda. Apesar de tudo, acabou por ser benéfico para o objetivo final deste projeto, uma vez que os alunos, em vez de tomarem conhecimento de apenas uma música e de a tocarem, tiveram a oportunidade de alargar o seu conhecimento, ao ouvir apresentações, nomeadamente, sobre:

- 1- Braguinha²⁵;
- 2- Bárbara Bandeira²⁶;
- 3- Diogo Piçarra²⁷;
- 4- António Zambujo²⁸;
- 5- Xutos e Pontapés²⁹;
- 6- Paulo Gonzo³⁰;
- 7- Salvador Sobral³¹;
- 8- Fernando Daniel³²;
- 9- Carolina Deslandes³³;
- 10- Azeitonas³⁴;
- 11- Miguel Gameiro³⁵;
- 12- The Gift³⁶;
- 13- Amália Rodrigues³⁷;

²⁴ Ver anexo 16

²⁵ Instrumento tradicional da Ilha da Madeira.

²⁶ Cantora/Artista portuguesa.

²⁷ Cantor/Músico português.

²⁸ Cantor/Músico português.

²⁹ Banda portuguesa de Rock.

³⁰ Cantor/Músico português.

³¹ Cantor/Músico português.

³² Cantor/Músico português.

³³ Cantora/Música portuguesa.

³⁴ Banda portuguesa.

³⁵ Cantor/Músico português.

³⁶ Banda portuguesa.

³⁷ Fadista portuguesa.

14- Guitarra Portuguesa³⁸;

Em suma, esta secção tem como intuito demonstrar a principal abordagem que utilizei regularmente na PES:

1 – Numa primeira fase e após escolhido o conteúdo, na maioria dos casos, optei sempre por tecer um pequeno diálogo com os alunos em relação ao mesmo.

2 – De seguida, e após terem alguma noção do conteúdo, tentava passar alguns vídeos que demonstrassem os conteúdos (de acordo com a perspetiva de Keith Swanwick).

3 – Após a aprendizagem, permitia ao aluno que utilizasse a sua criatividade, realizando trabalhos relacionados com os conteúdos abordados, sempre com a utilização dos diferentes instrumentos musicais (Abordagem Orff – Schulwerk e teoria de Edwin Gordon).

Pretendi, deste modo, levar as aprendizagens a estes alunos, numa forma inicial através da “imitação” e observação do que era pretendido, e no final, permitindo que estes pudessem “vivenciar” a música, sempre com o fator motivacional, dos instrumentos musicais, como também a criação musical.

³⁸ Instrumento Musical associado ao Fado.

4. Reflexão sobre as competências profissionais

O presente capítulo tem como objetivo apresentar uma reflexão, não apenas sobre a minha PES, mas sobretudo sobre toda a minha formação, que desencadeou este interesse por lecionar.

Ao iniciar este relatório final de estágio, no primeiro capítulo: “ser professor”, optei por abordar a minha visão em relação às aulas de Educação Musical enquanto estudante. Tomei esta decisão, uma vez que a minha formação enquanto músico iniciou-se nas aulas de Educação Musical, e tinha, como objetivo, utilizar no meu estágio, todos os aspetos positivos das minhas aulas enquanto estudante e acrescentar outros que achei relevantes. Como referi, as minhas aulas de Educação Musical enquanto aluno, foram dadas de uma forma livre, onde o aluno tinha a sua “voz”, e a possibilidade de experienciar diversos instrumentos, nomeadamente os instrumentos provenientes da minha região.

Este tempo de aulas de Educação Musical e sobretudo a forma como foram lecionadas pelo docente despertaram, em mim, uma “paixão” pela Música. De modo a prosseguir este caminho, optei por ingressar no Conservatório de Música da minha região, onde tive a oportunidade de ter aulas de formação musical, instrumento (guitarra) e classe de conjunto.

No momento de ingressar no ensino superior, já havia planeado todo o meu percurso, isto fruto da formação anterior. Pretendia prosseguir a licenciatura em Música e ingressar no Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico.

A razão pela qual iniciei este relatório, a abordar a minha formação, tem exatamente a ver com a mesma: formação. Desde novo, devido ao meu percurso e exemplos que tive, ambicionava poder lecionar as minhas aulas e transmitir aquilo de que mais gosto. Como tal, criei uma base de docente que queria ser, tendo essa sido influenciada pelos professores que se cruzaram na minha formação: queria ouvir os meus alunos, perceber os seus gostos e conceder liberdade em determinadas situações.

Ao completar a licenciatura em Música, tive a oportunidade de complementar alguns dos conhecimentos que já havia tido e que mais tarde iria utilizar no Mestrado.

Após a sua conclusão, iniciei o Mestrado, onde inicialmente fui confrontado com alguma “teoria”. Neste primeiro ano, questioneei-me várias vezes sobre a sua utilização.

No segundo ano de Mestrado, iniciei o meu estágio, onde tudo o que tinha aprendido foi utilizado. No início da preparação das aulas da PES, aí tive a noção da

importância de todas as teorias aprendidas durante o primeiro ano e realizei algumas pesquisas sobre as mesmas, com o intuito de organizar a melhor estratégia para chegar aos meus alunos.

Finalizando a abordagem do meu percurso, até à chegada da PES, posso afirmar que, sem os docentes que fizeram parte da minha formação, não teria a oportunidade de estar neste lugar e com todo este “sentimento” para transmitir aos meus alunos.

Como referido anteriormente, uma das fases mais importantes da minha PES, foi a fase de observação, uma vez que me permitiu conhecer os meus alunos e delinear o percurso da minha PES. Foi através desta fase, que constatei a falta de prática e vivência da Música e adotei este tema, como tema do meu relatório final de estágio: “Os instrumentos musicais na sala de aula, como processo/ferramenta de aprendizagem: estudo de caso”.

Ao iniciar a minha PES e com o decorrer da fase de observação, comecei então a questionar-me de que forma iria lecionar as minhas aulas, de modo a ir ao encontro destes alunos, sendo que no decorrer desta fase surgiram algumas dificuldades.

No sentido de ultrapassar estas dificuldades, senti uma grande necessidade de pesquisar e investigar de modo a superar as mesmas, sendo que ao longo da minha PES acabei por adotar uma postura de professor reflexivo, o que me levou a implementar uma postura mais próxima dos alunos, colocar sempre o aluno como centro e como protagonista do próprio saber, ao permitir ouvir a sua “voz”, no que diz respeito aos seus gostos. Ao longo da PES, a experiência adquirida permitiu ainda adotar uma melhor gestão da sala de aula, dos conteúdos a lecionar, no tipo de discurso utilizado com os alunos, o tipo de postura na sala de aula e sobretudo, os tipos de métodos a utilizar, tendo em conta as características destas duas turmas.

De certa forma, a escrita deste relatório permitiu delinear tudo aquilo que pretendia realizar, uma vez que me levou a pensar no tipo de professor que ambicionava ser e a forma como iria ao encontro dos gostos, interesses e necessidades dos meus alunos. Para tal, o segundo capítulo, caracterização do contexto educativo, foi essencial, como também o quarto capítulo: “Desenvolvimento e avaliação da aprendizagem profissional”, onde pude aplicar um inquérito por questionário aos alunos, de modo a conhecer os seus gostos e a preparar a sua participação nas aulas de EM. Para além deste conhecimento dos alunos, a pesquisa sobre pedagogos e respetivas abordagens pedagógico-musicais, nomeadamente Edwin Gordon, Carl Orff e Keith Swanwick, revelou-se essencial nas atividades/projetos que realizei. Permitiu o conhecimento dos métodos para lecionar,

diferentes formas de abordagem, como também a forma adequada de chegar aos interesses dos meus alunos.

No que diz respeito às aulas de responsabilização, no início tive o cuidado de realizar uma gestão adequada da turma, ou seja, manter os alunos motivados e empenhados para o que estavam a realizar. Para o efeito, surgiu o tema do relatório, que passava pela utilização de instrumentos musicais com os quais os alunos não tinham contato em sala de aula: guitarra, piano, bateria. Considerei fundamental a sua utilização, porém, sempre com regras, uma vez que eram muitos alunos, havendo necessidade de definir regras na utilização dos instrumentos musicais, como também pelo trabalho realizado em grupo.

Relativamente às atividades que tive a oportunidade de implementar, optei pela utilização dos instrumentos musicais, como o trabalho em grupo por parte dos alunos. Senti que, em todos estes trabalhos, existiu uma aproximação, não só entre os alunos, mas também entre o professor estagiário e os alunos. Todos estes projetos e atividades permitiram “crescer” e adquirir alguma experiência, uma vez que através destes consegui respostas para as minhas questões, relativamente à forma de lecionar, ao diálogo com os alunos, à forma de auxílio nas atividades, mas sobretudo ao modo como os alunos evoluíram ao longo das semanas e das aulas, visível no interesse pelos projetos, desenvolvidos.

No que diz respeito às atividades implementadas no decorrer da minha PES, tive a oportunidade, de no projeto – As Férias, implementar um inquérito por questionário aos alunos, de modo a compreender se as pedagogias utilizadas, como também o uso destes instrumentos musicais havia influenciado estes alunos para a aprendizagem musical. De uma forma geral, os alunos, revelaram que o facto de terem contato com estes instrumentos musicais, como também a possibilidade de criar algo que lhes pertencia, influenciou para a aprendizagem da Educação Musical.

Além destes inquéritos, as atividades/projetos implementados, permitiram verificar a motivação destes alunos. Muitos, revelaram a importância destes instrumentos na sala de aula, ao solicitarem aos professores dos clubes de música, tanto a aprendizagem das peças que trabalhavam nas aulas de Educação Musical, como a utilização dos instrumentos musicais, nas atividades do clube de Música.

Em suma, todas as competências resultaram na escrita do relatório, das reflexões realizadas no decorrer e após as aulas lecionadas, o *feedback* que recebia por parte dos

alunos, através dos inquéritos por questionários, como também pelos diálogos durante e após as aulas.

Ao finalizar, julgo que consegui atingir todos os objetivos que estabeleci. De uma forma geral, penso que, soube ouvir a “voz” dos alunos, consegui cativá-los e envolvê-los, desenvolvendo com eles uma salutar e produtiva relação pedagógica.

De momento, toda a experiência obtida em contexto de PES permitiu conhecer e vivenciar a realidade do que é a vida docente, levando-me a ambicionar ter de novo a oportunidade de realizar o que mais gosto, transmitir conhecimento aos alunos, como também adquirir experiência e aperfeiçoar competências enquanto docente.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, I. (1996). Ser professor reflexivo. In I. Alarcão (Ed.), *Formação reflexiva de professores: Estratégias de Supervisão*. (pp. 171–187). Porto: Porto Editora.
Retirado de:
http://sipeadturmad5.pbworks.com/w/file/117124026/Ser_professor_reflexivo_Isabel_Alarcao.pdf
- Alarcão, I. (2001). Professor-investigador: Que sentido? Que formação? In B. Campos (Ed.), *Formação profissional de professores no ensino superior* (pp. 21–30). Porto: Porto Editora. Retirado de:
<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/sd/textos/alarcao01.pdf>
- Altet, M., & Perrenoud, P. (2001). As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar. In P. Perrenoud, Paquay, Charlier, & Altet (EDS.), *Formando Professores Profissionais: Quais Estratégias? Quais Competências?* (pp.23–35) Porto Alegre: Artmed, 2001.
Retirado de: https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=oWFjDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=Formando+professores+profissionais:+Quais+estratégias%3F+Quais+competências%3F&ots=rW_CEX35wK&sig=Tc_13_GladIcaPbSyrHyKa_2B10#v=onepage&q=Formando%20professores%20profissionais%3A%20Quais%20estratégias%3F%20Quais%20competências%3F&f=false
- Autêntica, G. (2018). *Keith Swanwick*. Retirado de:
<https://grupoautentica.com.br/autentica/autor/keith-swanwick/1267>
- Beineke, V. (2015). Ensino musical criativo em atividades de composição na escola básica. *Revista Da ABEM* 23(34), 23, 42–57. Retirado de:
<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/531/441>
- Bessa, N., & Fontaine, A. M. (2002). A aprendizagem cooperativa numa pós-modernidade crítica. In *Educação Sociedade e Culturas* (pp. 123–147). Retirado de: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/15664>
- Caspurro, H. (2015). *Audição, audição e improvisação musical: reflexão sobre teorias e modelos de ensino-aprendizagem* - Tese de Doutoramento em Educação Musical. Retirado de: https://www.mulheravestruz.pt/luissantos/wp-content/uploads/2015/03/Tese_de_Doutoramento.pdf
- Chagas, M. (2013). *A aula de Educação Musical: Pedagogias diferentes conduzem a diferentes resultados na aprendizagem?*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto de Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Retirado de: <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Costa, M. (2010). *O valor da música na educação na perspectiva de Keith Swanwick*. Dissertação de Mestrado em Educação. Instituto de Educação, Universidade de Lisboa. Retirado de:
https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2563/1/ulfp035764_tm.pdf
- Coutinho, C. P., Sousa, A. de, Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-Ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura, Vol. XIII, n.º 2, Dezembro de 2009*, 355–379. Retirado de: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10148?locale=en>

- Cunha, J. (2016). Abordagem Orff-Schulwerk e(m) Portugal: Conhecer o passado, preparar o futuro. *Lisboa: Revista de Educação Musical, n.º 140-141. (111-119).*, 111–119. Retirado de:
https://www.researchgate.net/publication/313878252_Abordagem_Orff-Schulwerk_em_Portugal_Conhecer_o_passado_preparar_o_futuro
- Donizete Alves, F., & Sommerhalder, A. (2010). Educação, paixão e conhecimento: sobre a dimensão inconsciente do ensinar e do aprender. *Revista Iberoamericana de Educación, 51*(4), 1–16. Retirado de: <https://doi.org/10.35362/rie5141824>
- Educação, M. da. (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Retirado de:
http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf
- Educação, M. da. (2018). *Aprendizagens Essenciais - Educação Musical*. Retirado de:
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/ae_2oc_educacao_musical.pdf
- Ferreira, J. C. F. (2003). *Reflexões sobre o ser professor: a construção de um professor intelectual*. Retirado de: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/felz-jorge-reflexoes-sobre-ser-professor.pdf>
- Flores, M. A. (2017). O futuro da profissão de professor. *Contributos Para (Re)Pensar a Formação de Professores, in CNE (Ed.) Lei de Bases Do Sistema Educativo. Balanço e Prospetiva, II, 773–810*. Retirado de:
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/52436/1/texto Flores UNESP.pdf>
- Formosinho, J., Machado, J., & Mesquita, E. (2015). Formação, trabalho e aprendizagem - Tradição e inovação nas práticas docentes. In *Formação e trabalho – Tradição e inovação nas práticas docentes* (pp. 83–100). Lisboa: Edições Sílabo. Retirado de:
https://www.researchgate.net/profile/Elza_Mesquita/publication/306237356_Formacao_trabalho_e_aprendizagem_Tradicao_e_inovacao_nas_praticas_docentes_Formacao_trabalho_e_aprendizagem/links/57b426f408aeac3177862801/Formacao-trabalho-e-aprendizagem-Tradicao-e
- Franco, P. S., & Ament, M. B. (2017). A importância e os benefícios da Educação Musical na infância. In *Educação, Batatais* (Vol. 7, pp. 103–113). Retirado de:
https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:m_vV0O3BqPcJ:https://intranet.redeclaretiano.edu.br/download%3Fcaminho%3D/upload/cms/revista/sumarios/573.pdf%26arquivo%3Dsumario7.pdf+&cd=1&hl=en&ct=clnk&gl=pt
- Freire, R. D., & Silva, V. G. A. de O. (2005). Influência de Jerome Bruner na Teoria da Aprendizagem Musical de Edwin Gordon. *ANPPOM - Décimo Quinto Congresso/2005*, 125–132. Retirado de:
https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2005/sessao2/ricardo_freire_veronica_gomes.pdf
- Galvão, C., Ponte, J. P., Jonis, M., Faria, C., & Chagas, I. (2018). *Práticas de formação inicial de professores: participantes e dinâmicas*. Lisboa: Instituto de Educação, 2018. Retirado de: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/32762/1/Práticas_de_Formação_Inicial_de_Professores_Participantes_e_Dinâmicas_C_Galvão %26 J. P.](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/32762/1/Práticas_de_Formação_Inicial_de_Professores_Participantes_e_Dinâmicas_C_Galvão%20J.P.)

- Lemos, M. G. S. de. (1993). *A motivação no processo de ensino/ aprendizagem, em situação de aula*. Tese. Universidade do Porto - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Retirado de: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/17929>
- Lima, C. da S., & Mello, L. M. (2013). A importância da música no processo de aprendizagem. *Revista Científica Multidisciplinar Das Faculdades São José - Ciência Atual*, 1(01), 97–106. Retirado de: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:RodGXFw3OeAJ:www.cnad.edu.br/revista-ciencia-atual/index.php/cafsj/article/download/12/pdf+&cd=2&hl=en&ct=clnk&gl=pt>
- Monteiro, A. (2017). *Relatório de Prática Pedagógica Supervisionada : A guitarra como motivação para a aprendizagem musical no 3º Ciclo. Relatório de Prática Pedagógica Supervisionada*. Instituto Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação. Retirado de: <http://hdl.handle.net/10400.26/23909>
- Mota, G., & Figueiredo, S. (2012). Estudo comparativo sobre a formação de professores de música em Portugal e no Brasil. *Educação, Santa Maria*, V.37, n.2, 273–290. Retirado de: <https://doi.org/10.5902/198464444843>
- Nóvoa, Antonio. (2017). Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*, 47, n. 16, 1106–1133. Retirado de: https://www.researchgate.net/publication/321840209_Firmar_a_posicao_como_professor_afirmar_a_profissao_docente
- Nóvoa, António. (1992). *Formação de professores e profissão docente*. NÓVOA, A. - Os professores e a sua formação. Lisboa : Don Quixote, 1992. Retirado de: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf
- Oliveira, Z. M. F. de, & Alencar, E. M. L. S. de. (2008). A criatividade faz a diferença na escola : o professor e o ambiente criativos. *Revista Contrapontos*, 8, n.2, 295–306. Retirado de: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/954/810>
- Palheiros, G. (1999). Investigação em Educação Musical : perspetivas para o seu desenvolvimento em Portugal. In *Revista Música, Psicologia e Educação* (pp. 15–26). Editor: CIPEM. Retirado de: <https://doi.org/10.26537/rmpe.v0i1.2392>
- Pereira, L. (2017). *A formação musical precoce como contributo para o aumento do desenvolvimento cerebral*. Instituto Piaget. Retirado de: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/21045>
- Perrenoud, P. (2001). Dez novas competências para uma nova profissão. In *Pátio: Revista Pedagógica* (Vol. 5, n.17, pp. 8–12). Porto Alegre. Retirado de: http://penta3.ufrgs.br/MIE-ModIntrod-CD/pdf/etapa2_as_novas_competencias.pdf
- Pintassilgo, J. (2011). *Em torno da Arte de Ensinar: Vocaçào, Paixão, Exemplaridade Moral e Prática*. 1–10. Retirado de: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8343/1/Em_torno_da_arte_de_ensinar.pdf
- Rodrigues, M. (2013). *A difícil arte de ser professor*. Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Beiras. Retirado de: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/16748>

- Troppmair, H. (2010). Ser professor. *Boletim de Geografia*, 25(1), 1–4. Retirado de: <https://doi.org/10.4025/bolgeogr.v25i1.11763>
- Vasconcelos, A. (2001). *Paradigmas do ensino da música em Portugal: diferentes olhares e sentidos*. II Encontro de História do Ensino Música em Portugal, Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho. Retirado de: https://www.researchgate.net/publication/267866517_Paradigmas_do_ensino_da_musica_em_Portugal
- Westerlund, H. (2016). Renarrar o Futuro da Educação Musical: Como a sociedade desafia a nossa profissão no Século XXI. *APEM - Associação Portuguesa de Educação Musical*, 7–16. Retirado de: <https://www.apem.org.pt/docs/artigos-em-destaque/RenarrarFuturoEducacaoMusical-142-143-2016-2017.PDF>
- Wuytack, J. (1993). Atualizar as ideias educativas de Carl Orff. *Boletim Da Associação Portuguesa de Educação Musical*, n.º 76, 4–9. Retirado de: <http://www.awpm.pt/docs/Boletim76Apem.pdf>

Anexos

Anexo 1 – Questionários iniciais



Inquérito por questionário

1. Achas a disciplina de Educação Musical interessante?

Sim

Não

2. Tocas/praticas/estudas algum instrumento?

Sim

Não

Se sim, qual o instrumento?

3. Que género musical gostavas de trabalhar nas tuas aulas de Educação Musical?

Pop/Rock

Erudito

Bossa Nova

Hip Hop

4. Que tipo de aulas de Educação Musical gostavas de ter?



5. Gostas de Música? Qual a tua opinião em relação à Música?

Obrigado pela colaboração.

Professor João Gouveia

Professor Rafael Madanços

Anexo 2 – Planificação da aula de 19/11/2019 – 5.º ano

 <p>GOVERNO DE PORTUGAL</p> <p>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA</p> <p>DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE</p> <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA</p> <p>CÓDIGO 151816</p>	<p>ESCOLA E.B. 2, 3 PAULO QUINTELA - BRAGANÇA</p> <p>EDUCAÇÃO MUSICAL – 2º CICLO</p>	
--	--	---



PLANIFICAÇÃO 2019/ 2020

Professor: João Gouveia Cooperante: Alcino Barros Supervisora: Isabel Castro	Ano/turma/: 5.º E	Data: 19/11/2019 Hora: 15H30 – 17h00	Lições: 21 e 22 Sumário: - Figuras rítmicas: semínima e colcheia. - Exercícios rítmicos.
---	--------------------------	---	---

Domínios/Subdomínios (com base nas metas de aprendizagem do 2º ciclo)		Aprendizagens Específicas		Conceitos / Conteúdos		Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Domínios	Subdomínios	Organizador	O aluno deve ficar capaz de:	Conceitos	Conteúdos			
Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação	Interpretação e Comunicação	Interpretação e comunicação	- Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo. - Mobilizar sequências de movimentos corporais em contextos musicais diferenciados	Ritmo	- Figuras rítmicas: Semínima e Colcheia	O professor: a) Solicita a um discente a escrita do sumário; b) Escreve no quadro as duas figuras rítmicas; c) Tece uma breve explicação sobre a sua duração; d) O professor escreve quatro frases rítmicas no quadro; e) Executa as frases rítmicas de forma aleatória para os alunos as identificarem; f) Divide os alunos em grupo; g) Solicita a cada grupo a realização de duas frases rítmicas onde executem os	Humanos: - professor; - alunos. Materiais: - quadro - computador Músicas:	Observação direta Registo em grelha própria

						ritmos aprendidos; h) Solicita aos alunos a apresentação dos trabalhos;		
--	--	--	--	--	--	---	--	--

Anexo 3 - Planificação da aula de 10/12/2019 – 5.º ano

 GOVERNO DE PORTUGAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA	ESCOLA E.B. 2, 3 PAULO QUINTELA - BRAGANÇA EDUCAÇÃO MUSICAL – 2º CICLO	
DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA CÓDIGO 151816		

PLANIFICAÇÃO 2019/ 2020

Professor: João Gouveia Cooperante: Alcino Barros Supervisora: Isabel Castro	Ano/turma/: 5.º E	Data: 10/12/2019 Hora: 15h30 – 17h00	Lições: 27 e 28 Sumário: - Início do estudo de uma peça. - Autoavaliação.
---	--------------------------	---	--

Domínios/Subdomínios (com base nas metas de aprendizagem do 2º ciclo)		Aprendizagens Específicas		Conceitos / Conteúdos		Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Domínios	Subdomínios	Organizador	O aluno deve ficar capaz de:	Conceitos	Conteúdos			
Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação	Interpretação e Comunicação	Interpretação e comunicação	- Cantar, a solo e em grupo, a uma e duas vozes, repertório variado com e sem acompanhamento instrumental, evidenciando confiança e domínio básico da técnica vocal; - Interpretar, através do movimento corporal, contextos	- Ritmo - Dinâmicas	- Compasso quaternário. - Figuras rítmicas: Seminima e Colcheia. - Forte e piano. - Crescendo e Diminuendo.	O professor: a) Solicita a um discente a escrita do sumário. b) Projeta uma partitura rítmica, para assimilar as figuras rítmicas aprendidas. c) Lê a partitura em conjunto com os alunos. d) Usa o instrumental para demonstrar aos alunos a parte melódica da peça que estiveram a trabalhar. e) Divide os alunos em grupo para executar a peça.	Humanos: - professor; - alunos. Materiais: - quadro - computador - Instrumental orff Músicas:	Observação direta Registo em grelha própria

			<p>musicais contrastantes;</p> <p>- Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrônicos, a solo e em grupo, repertório variado, controlando o tempo, o ritmo e a dinâmica, com progressiva destreza e confiança;</p>			<p>f) Por fim, entrega as folhas de autoavaliação para os alunos preencherem.</p>		
Desenvolvimento da Criatividade	Apropriação e Reflexão	Apropriação e reflexão	<p>- Comparar características rítmicas, melódicas, harmônicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura em peças musicais de épocas, estilos e géneros musicais diversificados;</p>		-			

Anexo 4 – Peça para assimilar as figuras rítmicas

♩ = 60

Xilofone

Jogo de Sinos

Percussão

p

p

♩ = 60

D D D D E E E E D D E E Palma

p

5

Xil.

Jogo de Sinos

Perc.

D E D E D E D E E D E D

f

9

Xil.



Jogo de Sinos

Perc.

E E D E D E D D D D E E D E D E Pé Pé

p

Anexo 5 – Planificação da aula de 03/12/2019 – 5.º ano

 <p>GOVERNO DE PORTUGAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA</p> <p>DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA CÓDIGO 151816</p>	<p>ESCOLA E.B. 2, 3 PAULO QUINTELA - BRAGANÇA EDUCAÇÃO MUSICAL – 2º CICLO</p>	
--	---	---



PLANIFICAÇÃO 2019/ 2020

Professor: João Gouveia Cooperante: Alcino Barros Supervisora: Isabel Castro	Ano/turma/: 5.º E	Data: 03/12/2019 Hora: 15h30 – 17h00	Lições: 25 e 26 Sumário: - Compassos Simples. - Prática instrumental.
---	--------------------------	---	--

Domínios/Subdomínios (com base nas metas de aprendizagem do 2º ciclo)		Aprendizagens Específicas		Conceitos / Conteúdos		Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Domínios	Subdomínios	Organizador	O aluno deve ficar capaz de:	Conceitos	Conteúdos			
Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação	Interpretação e Comunicação	Interpretação e comunicação	- O aluno ouve, interpreta e identifica os compassos simples (binário, ternário e quaternário) através da marcação da pulsação de diferentes músicas;	Ritmo	- Compassos binário, ternário, quaternário.	O professor: a) Solicita a um discente a escrita do sumário; b) Questiona aos alunos o conteúdo dado nas aulas anteriores, de modo a assimilar os conhecimentos; c) Tece uma breve explicação sobre os compassos simples: quaternário, binário e ternário; d) Solicita aos alunos a audição de diferentes	Humanos: - professor; - alunos. Materiais: - quadro - computador - Instrumental Orff Músicas: - Waltz of the flowers, de Piotr Tchaikovsky; - Red Hot	Observação direta Registo em grelha própria

Desenvolvimento da Criatividade	Criação e Experimentação	Apropriação e reflexão	- Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrônicos, a solo e em grupo, repertório variado, controlando o tempo, o ritmo e a dinâmica, com progressiva destreza e confiança			<p>simples a ser utilizado;</p> <p>e) Divide os alunos em grupo e solicita a escrita de duas frases rítmicas, utilizando os compassos aprendidos, as figuras rítmicas e dinâmicas aprendidas nas aulas anteriores;</p> <p>f) Por fim, cada grupo apresenta os trabalhos realizados;</p>	- Trem das onze - Adoniran Barbosa;	
---------------------------------	--------------------------	------------------------	---	--	--	---	-------------------------------------	--

Anexo 6 - Planificação da aula de 10/12/2019 – 5.º ano

 <p>GOVERNO DE PORTUGAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA</p> <p>DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA CÓDIGO 151816</p>	<p>ESCOLA E.B. 2, 3 PAULO QUINTELA - BRAGANÇA EDUCAÇÃO MUSICAL – 2º CICLO</p>	
--	---	---

PLANIFICAÇÃO 2019/ 2020

Professor: João Gouveia Cooperante: Alcino Barros Supervisora: Isabel Castro	Ano/turma/: 5.º E	Data: 10/12/2019 Hora: 15h30 – 17h00	Lições: 27 e 28 Sumário: - Início do estudo de uma peça. - Autoavaliação.
---	--------------------------	---	--

Domínios/Subdomínios (com base nas metas de aprendizagem do 2º ciclo)		Aprendizagens Específicas		Conceitos / Conteúdos		Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Domínios	Subdomínios	Organizador	O aluno deve ficar capaz de:	Conceitos	Conteúdos			
Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação	Interpretação e Comunicação	Interpretação e comunicação	- Cantar, a solo e em grupo, a uma e duas vozes, repertório variado com e sem acompanhamento instrumental, evidenciando confiança e domínio básico da técnica vocal; - Interpretar, através do movimento corporal, contextos	- Ritmo - Dinâmicas	- Compasso quaternário. - Figuras rítmicas: Semínima e Colcheia. - Forte e piano. - Crescendo e Diminuendo.	O professor: a) Solicita a um discente a escrita do sumário. b) Projeta uma partitura rítmica, para assimilar as figuras rítmicas aprendidas. c) Lê a partitura em conjunto com os alunos. d) Usa o instrumental para demonstrar aos alunos a parte melódica da peça que estiveram a trabalhar. e) Divide os alunos em grupo para executar a peça.	Humanos: - professor; - alunos. Materiais: - quadro - computador - Instrumental orff Músicas:	Observação direta Registo em grelha própria

			<p>musicais contrastantes;</p> <p>- Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrônicos, a solo e em grupo, repertório variado, controlando o tempo, o ritmo e a dinâmica, com progressiva destreza e confiança;</p>			<p>f) Por fim, entrega as folhas de autoavaliação para os alunos preencherem.</p>		
Desenvolvimento da Criatividade	Apropriação e Reflexão	Apropriação e reflexão	<p>- Comparar características rítmicas, melódicas, harmônicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura em peças musicais de épocas, estilos e gêneros musicais diversificados;</p>		-			

As Férias

Composição: João Gouveia

Letra: 5.ºE

$\text{♩} = 60$

Voz
FÉ-RIAS A CHE-GA - AR ES-COLA A ACA-BA - AR

Xilofone
p

Piano

Guitarra
 $\text{♩} = 60$

Bateria

3

Voz
PA-RAO CAM-PO VA-MOS TO-DOS A-CAM-PA - AR VA-MOS VI-A JAR

Xil.

Pno.

Guit.

Bat.

2

6

Voz

E TO-DOS BRIN-CAR Á AL-DE IA VOU DA AL-DEI-A SOU

Xil.

Pno.

Guit.

Bat.

9

Voz

F Ê R I A S F Ê R I A S FÊ-RIAS FÊ RIAS



Xil.

Pno.

Guit.

Bat.

Anexo 8 – Aula do dia 21/01/2020 – 5.º ano

 <p>GOVERNO DE PORTUGAL</p> <p>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA</p> <p>DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE</p> <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA</p> <p>CÓDIGO 151816</p>	<p>ESCOLA E.B. 2, 3 PAULO QUINTELA - BRAGANÇA</p> <p>EDUCAÇÃO MUSICAL – 2º CICLO</p>	
--	--	---



PLANIFICAÇÃO	2019/ 2020
--------------	------------

Professor: João Gouveia Cooperante: Alcino Barros Supervisora: Isabel Castro	Ano/turma/: 5.º E	Data: 21/01/2020 Hora: 15h30 – 17h00	Lições: 33 e34 Sumário: - Elaboração da letra para a peça musical.
---	--------------------------	---	--

Domínios/Subdomínios (com base nas metas de aprendizagem do 2º ciclo)		Aprendizagens Específicas		Conceitos / Conteúdos		Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Domínios	Subdomínios	Organizador	O aluno deve ficar capaz de:	Conceitos	Conteúdos			
Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação	Interpretação e Comunicação	Interpretação e comunicação	- Cantar, a solo e em grupo, a uma e duas vozes, repertório variado com e sem acompanhamento instrumental, evidenciando confiança e domínio básico da técnica vocal;	- Ritmo - Dinâmicas	- Compasso quaternário. - Figuras rítmicas: Semínima e Colcheia. - Forte e piano. - Crescendo e Diminuendo.	O professor: a) Solicita a um discente a escrita do sumário; b) Questiona os alunos em relação à temática da letra da peça; c) Solicita aos discentes a audição da melodia da peça; d) Divide os alunos em grupo para a elaboração da letra; e) Solicita a apresentação dos trabalhos de modo a obter a letra final;	Humanos: - professor; - alunos. Materiais: - quadro - computador - Colunas Músicas:	Observação direta Registo em grelha própria

Desenvolvimento da Criatividade	Experimentação e criação	Experimentação e criação	- Compor peças musicais com diversos propósitos, combinando e manipulando vários elementos da música (altura, dinâmica, ritmo, forma, timbres e texturas), utilizando recursos diversos (voz, corpo, objetos sonoros, instrumentos musicais, tecnologias e <i>software</i>);					
Apropriação de elementos da Música	Percepção Sonora e Musical	Apropriação e Reflexão	- Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais;					

Anexo 9 – Aula do dia 28/01/2020 – 5.º ano

 <p>GOVERNO DE PORTUGAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA</p> <p>DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA CÓDIGO 151816</p>	<p>ESCOLA E.B. 2, 3 PAULO QUINTELA - BRAGANÇA EDUCAÇÃO MUSICAL – 2º CICLO</p>	
--	---	---

PLANIFICAÇÃO 2019/ 2020

Professor: João Gouveia Cooperante: Alcino Barros Supervisora: Isabel Castro	Ano/turma/: 5.º E	Data: 28/01/2020 Hora: 15h30 – 17h00	Lição: 35 e 36 Sumário: - Finalização da letra da peça. - Prática instrumental.
---	--------------------------	---	--

Domínios/Subdomínios (com base nas metas de aprendizagem do 2º ciclo)		Aprendizagens Específicas		Conceitos / Conteúdos		Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Domínios	Subdomínios	Organizador	O aluno deve ficar capaz de:	Conceitos	Conteúdos			
Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação	Interpretação e Comunicação	Interpretação e comunicação	- Cantar, a solo e em grupo, a uma e duas vozes, repertório variado com e sem acompanhamento instrumental, evidenciando confiança e domínio básico da técnica vocal; - Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrónicos, a solo e em grupo.	- Ritmo - Dinâmicas	- Figuras rítmicas: Semínima e Colcheia. - Forte e piano. - Crescendo e Diminuendo.	O professor: a) Solicita a um discente a escrita do sumário; b) Solicita aos alunos as letras realizadas na aula anterior; c) Em conjunto com os alunos, escreve a letra final para a peça; d) Toca a melodia da peça para os alunos cantarem com a respetiva letra; e) Coloca os restantes instrumentos músicas para acompanhar a peça;	Humanos: - professor; - alunos. Materiais: - quadro - computador - Instrumental Orff - Bateria - Piano - Guitarra Músicas: - “As férias	Observação direta Registo em grelha própria

			repertório variado, controlando o tempo, o ritmo e a dinâmica, com progressiva destreza e confiança;					
Desenvolvimento da Criatividade	Criação e Experimentação	Criação e Experimentação	- Compor peças musicais com diversos propósitos, combinando e manipulando vários elementos da música (altura, dinâmica, ritmo, forma, timbres e texturas), utilizando recursos diversos (voz, corpo, objetos sonoros, instrumentos musicais, tecnologias e <i>software</i>); - Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo.					

Anexo 10 – Inquérito da peça musical “As Férias”



Este questionário destina-se a observar o gosto do trabalho durante a peça “As Férias”. O mesmo é anónimo.

Inquérito por questionário



1. Gostaste da peça musical trabalhada? Porquê?

2. Consideras que o uso de instrumentos musicais ajudaram na aprendizagem das figuras rítmicas? Porquê?

3. O facto de se utilizar instrumentos musicais para aprendizagem de conceitos musicais, influenciou a tua motivação/envolvimento? Diz o que sentiste durante esta peça.

Obrigado pela colaboração.
Professor João Gouveia
Ano 2020

Anexo 11 – Aula do dia 10/03/2020 – 5.º ano

 <p>GOVERNO DE PORTUGAL</p> <p>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA</p> <p>DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE</p> <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA</p> <p>CÓDIGO 151816</p>	<p>ESCOLA E.B. 2, 3 PAULO QUINTELA – BRAGANÇA</p> <p>EDUCAÇÃO MUSICAL – 2.º CICLO</p>	
--	---	---



PLANIFICAÇÃO	2019/ 2020
--------------	------------

Professor: João Gouveia Cooperante: Alcino Barros Supervisora: Isabel Castro	Ano/turma/: 5.º E	Data: 10/03/2020 Hora: 15h30 – 17h00	Lições: 45 e 46 Sumário: - Ostinato. - Atividade “performances criativas”.
---	--------------------------	---	---

Domínios/Subdomínios (com base nas metas de aprendizagem do 2º ciclo)		Aprendizagens Específicas		Conceitos / Conteúdos		Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Domínios	Subdomínios	Organizador	O aluno deve ficar capaz de:	Conceitos	Conteúdos			
Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação	Interpretação e Comunicação	Experimentação e criação	- Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música (timbre, altura, dinâmica, ritmo, forma, texturas), utilizando múltiplos recursos (fontes sonoras convencionais e não convencionais, imagens, esculturas, textos, vídeos, gravações,	- Forma	- Ostinato	O professor: a) Solicita a um discente a escrita do sumário; b) Apresenta áudios para que os alunos identifiquem o que a respetiva música lhes transmite; c) Tece um breve diálogo com os alunos em relação ao que identificaram nos áudios apresentados e os ostinatos presentes nestes; d) Tece um breve diálogo com os alunos sobre ostinatos; e) Divide os alunos em grupo;	Humanos: - professor; - alunos. Materiais: - quadro - computador Músicas: - Ed Sheeran – Shape Of You; - Queen – We Will Rock You;	Observação direta Registo em grelha própria

			etc.) e com técnicas e tecnologias gradualmente mais complexas;			f) Solicita a cada grupo a escolha de um tema, ou sentimento que queiram transmitir e a criação de um ostinato;		
Desenvolvimento da Criatividade	Criação e Experimentação	Interpretação e comunicação	- Tocar diversos instrumentos acústicos e eletrônicos, a solo e em grupo, repertório variado, controlando o tempo, o ritmo e a dinâmica, com progressiva destreza e confiança; - Interpretar, através do movimento corporal, contextos musicais contrastantes;			g) Solicita a cada grupo a criação de uma pequena peça musical (com instrumentos à escolha), tendo em conta os parâmetros escolhidos pelos alunos. h) No final da aula, os alunos apresentam os seus trabalhos;		
Apropriação de elementos da Música	Percepção Sonora e Musical	Apropriação e reflexão	- Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais;					

Anexo 12 - Aula do dia 06/12/2019 – 6.º ano

 <p>GOVERNO DE PORTUGAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA</p> <p>DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA CÓDIGO 151816</p>	<p>ESCOLA E.B. 2, 3 PAULO QUINTELA - BRAGANÇA EDUCAÇÃO MUSICAL – 2º CICLO</p>	
--	---	---



PLANIFICAÇÃO	2019/ 2020
--------------	------------

Professor: João Gouveia Cooperante: Alcino Barros Supervisora: Isabel Castro	Ano/turma/: 6.º C	Data: 06/12/2019 Hora: 12h00 – 13h30	Lição: 21 e 22 Sumário: - Continuação da aula anterior. - Monoritmia e poliritmia. - Exercícios rítmicos.
---	--------------------------	---	---

Domínios/Subdomínios (com base nas metas de aprendizagem do 2º ciclo)		Aprendizagens Específicas		Conceitos / Conteúdos		Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Domínios	Subdomínios	Organizador	O aluno deve ficar capaz de:	Conceitos	Conteúdos			
Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação	Interpretação e Comunicação	Interpretação e comunicação	- Cantar, a solo e em grupo, a uma e duas vozes, repertório variado com e sem acompanhamento instrumental, evidenciando confiança e domínio básico da técnica vocal; - Interpretar, através do movimento	- Dinâmicas - Ritmo	- Legato e Staccato - Monoritmia e poliritmia	O professor: a) Solicita a um discente a escrita do sumário. b) Questiona aos alunos os conteúdos abordados nas últimas aulas. c) Conclui o tema do Legato e Staccato iniciado na aula anterior. d) Aborda a monoritmia e poliritmia. e) Solicita aos alunos a audição de alguns exemplos de monoritmia e poliritmia.	Humanos: - professor; - alunos. Materiais: - quadro - computador - Projetor Músicas:	Observação direta Registo em grelha própria

			corporal, contextos musicais contrastantes;			f) Apresenta alguns exercícios rítmicos, explica e exemplifica aos alunos. g) Divide os alunos em grupo para executar o exercício.		
Desenvolvimento da Criatividade	Criação e Experimentação	Apropriação e reflexão	-Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura em peças musicais de épocas, estilos e géneros musicais diversificados;		-	h) Tece um pequeno diálogo com os alunos sobre os exercícios que executaram.		

Anexo 14 – Aula do dia 06/03/2020

 <p>GOVERNO DE PORTUGAL</p> <p>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA</p> <p>DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE</p> <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA</p> <p>CÓDIGO 151816</p>	<p>ESCOLA E.B. 2, 3 PAULO QUINTELA - BRAGANÇA</p> <p>EDUCAÇÃO MUSICAL – 2º CICLO</p>	
--	--	---



PLANIFICAÇÃO	2019/ 2020
--------------	------------

Professor: João Gouveia Cooperante: Alcino Barros Supervisora: Isabel Castro	Ano/turma/: 6.º C	Data: 05/03/2020 Hora: 12h00 – 13h30	Lições: 37 e 38 Sumário: - A forma. - Apresentação à turma do Projeto Musical: Música Portuguesa.
---	--------------------------	---	--

Domínios/Subdomínios (com base nas metas de aprendizagem do 2º ciclo)		Aprendizagens Específicas		Conceitos / Conteúdos		Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Domínios	Subdomínios	Organizador	O aluno deve ficar capaz de:	Conceitos	Conteúdos			
Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação	Interpretação e Comunicação	Interpretação e comunicação	- Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo.	- Forma	- Forma AB e ABA; - Forma binária, ternária e rondó; Introdução e coda.	O professor: a) Solicita a um discente a escrita do sumário; b) Tece uma breve explicação sobre as diferentes formas musicais; c) Apresenta alguns áudios com as formas musicais; d) Apresenta alguns áudios para que os alunos identifiquem a respetiva	Humanos: - professor; - alunos. Materiais: - quadro - computador Músicas: - Bach – Minuet G major - Vinicius	Observação direta Registo em grelha própria

Desenvolvimento da Criatividade	Criação e Experimentação	Apropriação e reflexão	<ul style="list-style-type: none"> - Comparar características rítmicas, melódicas, harmônicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura em peças musicais de épocas, estilos e gêneros musicais diversificados. - Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais; - Relacionar a sua experiência musical com outras áreas do conhecimento, através de atividades diversificadas que integrem e potenciem a transversalidade do saber; - Identificar criticamente a música, enquanto modo de conhecer e dar significado ao mundo, relacionando-a com o seu dia a dia, e os seus mundos pessoais e sociais. 			<p>forma;</p> <ul style="list-style-type: none"> e) Aborda o novo projeto musical que os alunos irão trabalhar; f) Solicita a audição da música do projeto musical para os alunos identificarem a sua forma; 	<p>Moraes – Garota do Ipanema</p> <ul style="list-style-type: none"> - Beethoven – Fur elise - Bon Jovi – Always - O vento mudou – Eduardo Nascimento 	
---------------------------------	--------------------------	------------------------	---	--	--	--	--	--

Anexo 15 – Aula do dia 29/05/2020

 <p>GOVERNO DE PORTUGAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA</p> <p>DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA CÓDIGO 151816</p>	<p>ESCOLA E.B. 2, 3 PAULO QUINTELA - BRAGANÇA EDUCAÇÃO MUSICAL – 2º CICLO</p>	
--	---	---



PLANIFICAÇÃO	2019/ 2020
--------------	------------

Professor: João Gouveia Cooperante: Alcino Barros Supervisora: Isabel Castro	Ano/turma/: 6.º C	Data: 29/05/2020 Hora: 12h – 12h45	Lições: Sumário: - Projeto Musical: Música Portuguesa – A braguinha.
---	--------------------------	---	--

Domínios/Subdomínios (com base nas metas de aprendizagem do 2º ciclo)		Aprendizagens Específicas		Conceitos / Conteúdos		Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Domínios	Subdomínios	Organizador	O aluno deve ficar capaz de:	Conceitos	Conteúdos			
Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação	Interpretação e Comunicação	Experimentação e criação	- Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo.	- Culturas musicais nos contextos	- Géneros e Estilos Musicais, sua História e Contexto(s); - Música Tradicional; - Música Erudita Ocidental; - Música Urbana.	O professor: a) inicia a aula a mostrar o instrumento: ukelele; b) Apresenta a sua história e relação com a braguinha e o cavaquinho; c) Tece um pequeno diálogo sobre o instrumento d) Mostra alguns vídeos sobre construção do mesmo;	Humanos: - professor; - alunos. Materiais: - computador Músicas:	Observação direta Registo em grelha própria

Apropriação de elementos da Música	Percepção Sonora e Musical	Apropriação e reflexão	<p>-Comparar características rítmicas, melódicas, harmônicas, dinâmicas, formais, timbricas e de textura em peças musicais de épocas, estilos e gêneros musicais diversificados;</p> <p>- Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais;</p> <p>Investigar diferentes tipos de interpretações escutadas e observadas em espetáculos musicais (concertos, bailados, teatros musicais, óperas e outros), ao vivo ou gravados, de diferentes tradições e épocas utilizando vocabulário apropriado;</p> <p>- Comparar criticamente estilos e gêneros musicais, tendo em conta os enquadramentos socioculturais do passado e do presente;</p> <p>- Identificar criticamente a música, enquanto modo de conhecer e dar significado ao mundo, relacionando-a com o seu dia a dia, e os seus mundos pessoais e sociais.</p>					
------------------------------------	----------------------------	------------------------	--	--	--	--	--	--

Anexo 16 – Aula do dia 12/06/2020

 <p>GOVERNO DE PORTUGAL</p> <p>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA</p> <p>DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE</p> <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA</p> <p>CÓDIGO 151816</p>	<p>ESCOLA E.B. 2, 3 PAULO QUINTELA - BRAGANÇA</p> <p>EDUCAÇÃO MUSICAL – 2º CICLO</p>	
--	--	---

PLANIFICAÇÃO	2019/ 2020
--------------	------------

Professor: João Gouveia Cooperante: Alcino Barros Supervisora: Isabel Castro	Ano/turma/: 6.º C	Data: 12/06/2020 Hora: 12h00 – 12h45	Lições: Sumário: - Projeto Musical: Música Portuguesa – Apresentação dos trabalhos.
---	--------------------------	---	--

Domínios/Subdomínios (com base nas metas de aprendizagem do 2º ciclo)		Aprendizagens Específicas		Conceitos / Conteúdos		Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
Domínios	Subdomínios	Organizador	O aluno deve ficar capaz de:	Conceitos	Conteúdos			
Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação	Interpretação e Comunicação	Experimentação e criação	- Mobilizar aprendizagens de diferentes áreas do conhecimento para a construção do seu referencial criativo.	- Culturas musicais nos contextos	- Géneros e Estilos Musicais, sua História e Contexto(s); - Música Tradicional; - Música Erudita Ocidental; - Música Urbana.	O professor: a) Relembra o projeto musical em questão e questiona aos alunos o trabalho realizado; b) Cada aluno apresenta o seu trabalho e no final é realizada uma reflexão do mesmo em conjunto com os alunos;	Humanos: - professor; - alunos. Materiais: - computador Músicas:	Observação direta Registo em grelha própria

Apropriação de elementos da Música	Percepção Sonora Musical e	Apropriação e reflexão	<p>-Comparar características rítmicas, melódicas, harmônicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura em peças musicais de épocas, estilos e gêneros musicais diversificados;</p> <p>- Utilizar, com crescente domínio, vocabulário e simbologias para documentar, descrever e comparar diversas peças musicais;</p> <p>Investigar diferentes tipos de interpretações escutadas e observadas em espetáculos musicais (concertos, bailados, teatros musicais, óperas e outros), ao vivo ou gravados, de diferentes tradições e épocas utilizando vocabulário apropriado;</p> <p>- Comparar criticamente estilos e gêneros musicais, tendo em conta os enquadramentos socioculturais do passado e do presente;</p> <p>- Identificar criticamente a música, enquanto modo de conhecer</p>					
------------------------------------	----------------------------	------------------------	---	--	--	--	--	--